

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA – PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*
LITURGIA, CIÊNCIA E CULTURA

SAMI NOGUEIRA ABRAÃO

ESTUDO DO SACRIFÍCIO EUCARÍSTICO: RELAÇÃO ENTRE A CRUZ E O ALTAR

SÃO PAULO – 2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA – PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*
LITURGIA, CIÊNCIA E CULTURA

SAMI NOGUEIRA ABRAÃO

ESTUDO DO SACRIFÍCIO EUCARÍSTICO: RELAÇÃO ENTRE A CRUZ E O ALTAR

Monografia apresentada como conclusão do Curso
de pós-graduação *latu sensu* (especialização) em
Liturgia, ciência e cultura.

Orientador: Prof. Ms. Pe. Cristiano Marmelo Pinto

SÃO PAULO – 2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA – PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*
LITURGIA, CIÊNCIA E CULTURA

SAMI NOGUEIRA ABRAÃO

ESTUDO DO SACRIFÍCIO EUCARÍSTICO: RELAÇÃO ENTRE A CRUZ E O ALTAR

TERMO DE APROVAÇÃO

AVALIAÇÃO

Nota: _____

Prof. Ms. Pe. Cristiano Marmelo Pinto

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me concedeu a vida e me despertou e conduziu pelos campos férteis da Teologia, para que pudesse compreender um pouco melhor a fé.

Agradeço ao corpo docente da Pós-graduação em Liturgia, ciência e cultura, da PUC-SP, que se dispôs a ensinar o conteúdo programático do curso, inspirando-me para o tema deste trabalho e na missão que desenvolvo em minha Paróquia.

Agradeço ao Pe. Prof. Cristiano Marmelo Pinto, orientador de minha pesquisa, que apontou o caminho a seguir, com os elementos teológicos essenciais e interessantes, que contribuíram sobremaneira para desenvolver o tema escolhido.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO I – A NATUREZA DO SACRÍFICO DA CRUZ	8
1. Conceitos e multiplicidade do sacrifício no antigo Testamento.....	9
1.1. <i>Zebah</i>	11
1.2. <i>‘Olâ</i>	11
1.3. <i>Minhâ</i> – Oferta em homenagem	12
1.4. <i>S^elamim</i>	12
1.5. <i>Hattâ</i> e <i>Ašam</i>	13
2. Os sacrifícios tipológicos: Isaac e o cordeiro pascal	14
2.1. O sacrifício de Isaac	15
2.2. O sacrifício do cordeiro	15
3. O sacrifício perfeito na cruz	17
3.1. Eis o cordeiro pascal	18
3.2. O sacrifício de Cristo: entrega de si mesmo	19
CAPÍTULO II – A NATUREZA DO SACRIFÍCIO NO ALTAR	22
1. No cenáculo Jesus antecipa o sacrifício na cruz	23
1.1. Isto é o meu corpo	23
1.2. Isto é o meu sangue.....	24
2. Comensalidade da vítima imolada	26
3. Ordem de interação: memorial	29
4. O sacrifício eucarístico é um sacrifício sacramental	31
CAPÍTULO III – O SACRIFÍCIO EUCARÍSTICO É TAMBÉM O SACRIFÍCIO DA IGREJA	34
1. Sacrifício: uma questão pastoral	35
2. Sacerdócio universal	36
3. Sacrifício agradável a Deus: da celebração à vida	39
3.1. Os sacrifícios cotidianos da vida cristã	40
3.2. A liturgia deve transformar a existência cristã	42
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

INTRODUÇÃO

É inquietante o fato de tantas vezes celebrar-se o sacrifício de Cristo na Liturgia e não dar-se conta de que foi a partir da cruz que a realidade eucarística tomou forma como celebração do único e definitivo sacrifício redentor. De fato o gesto de entrega na cruz é o evento original, no entanto foi no cenáculo que veio a ordem de interação para toda a Igreja celebrar nos altares do mundo. A proposta deste estudo, portanto, está centrada no sacrifício eucarístico, mas com o olhar na relação fundamental entre a cruz e o altar.

Surge, porém, uma questão que movimenta a pesquisa e estimula a busca da compreensão do sacrifício de Cristo: se o Magistério da Igreja afirma que na missa ocorre um verdadeiro sacrifício¹, então, o sacrifício na cruz e no altar são da mesma natureza?

Faz-se necessário examinar qual é a natureza do sacrifício enquanto realidade presente no cenáculo, o qual é antecipação do Gólgota, sendo tal sacrifício atualizado no altar do Senhor, além de investigar o vínculo intrínseco entre essas realidades. Por fim, outro objetivo do trabalho é tentar entender o que de concreto representa tal experiência para a vida cristã.

A pesquisa tem por pretensão, logo, contribuir para os agentes de pastoral e todos aqueles que vivenciam a Eucaristia, sobretudo os fiéis batizados, com uma visão mais clara do que significa o sacrifício eucarístico, de modo que possa ajudar em sua participação na “ação sagrada de forma consciente, piedosa e ativa”², além de despertar os membros para a relevância que tem a experiência para a vida, criando estímulos para que o celebrante seja também um “sacrifício vivo” em prol dos irmãos em Cristo³.

O caminho a ser percorrido é bem vasto, no entanto o esforço é para que a pesquisa sobre esse tema alcance os objetivos e contribua para a Liturgia e para a comunidade. Com isso, será necessário, antes de observar a dinâmica do sacrifício na missa, tentar aprofundar o conceito e a dinâmica ritual do Antigo Testamento, a fim de compreender-se a linguagem bíblica para o termo “sacrifício”.

Nessa linha Willi-plain aprofunda a análise sobre o conceito de sacrifício do Antigo Testamento em Israel. Natanael Thanner contribuir decisivamente para a compreensão do sacrifício de Cristo como o único e perfeito para levar o ser humano à comunhão com Deus. Outro autor fundamental é Cesare Giraudo, que trabalha os aspectos exegetico-litúrgicos das palavras de Jesus no cenáculo. Outros autores, ainda, têm parte importante na pesquisa por desenvolverem os conceitos essenciais da celebração do sacrifício eucarístico nos aspectos

¹ PIO XII. *Mediator Dei*. Carta Encíclica sobre a Sagrada Liturgia. p. 61.

² CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 48.

³ Para Paulo o “sacrifício vivo” (hóstia viva) é um dom para o irmão, conduta cristã que é agradável a Deus. O apóstolo dos gentios chama a atenção para que, na comunhão com Cristo, se realize na vida concreta um oferecimento por amor ao próximo, para a glória de Deus (Cf. Rm 12, 1).

pastoral, vivencial e testemunhal, como Angenor Brighenti, Cipriano Vagaggini, Valeriano Costa e Giacinto Padoin.

Para o desenvolvimento da pesquisa na perspectiva apresentada, no capítulo I far-se-á um percurso pelas normas rituais do II Templo e tecer-se-ão breves considerações a respeito dos termos sacrificiais do Antigo Testamento, que têm forte influência na linguagem e no pensamento do Novo Testamento. É importante também, para não haver descontinuidade na história da salvação, que se compreendam os méritos dos sacrifícios da cultura judaica que, para os seus fins, cumpriram um papel importante na história; mas eles não realizaram plenamente a salvação, pois não eram perfeitos, só o sacrifício de Cristo é perfeito.

No capítulo II a pesquisa apresentará o encontro de Jesus no cenáculo, no momento em que Ele antecipou o sacrifício na cruz, para perceber-se o conteúdo rico das palavras institucionais, além de avançar-se brevemente por conceitos teológicos como a comensalidade, o memorial e a sacramentalidade do sacrifício eucarístico.

Como proposta do capítulo III, objetiva-se compreender o sacrifício eucarístico. Este não seria relevante, no entanto, se não tivesse uma aplicabilidade na vida real dos fiéis, uma vez que a experiência com o mistério deve contribuir decisivamente para que eles mesmos ofereçam a Deus um sacrifício, sendo-lhe este logicamente agradável.

A importância de compreender o sacrifício na missa se torna fundamental⁴, pois é uma exigência para a Liturgia – enquanto sacrifício do Cordeiro imolado unido ao seu Corpo Místico – que deve despertar naqueles que circundam o altar o seu sentido profundo.

A proposta desta pesquisa será contribuir para a liturgia e chamar a atenção para a dimensão sacrificial da missa que ocorre nos altares no mundo. A contribuição visará oferecer subsídio para a teologia litúrgica com elementos que relacionam o sacrifício de Cristo com os sacrifícios do Templo de Jerusalém, as realidades tipológicas com o Calvário e o vínculo essencial do Cenáculo com o altar.

O subsídio que se propõe, que estão na raiz do sacrifício de Cristo, pode suscitar novos questionamentos e hipóteses quanto a natureza do sacrifício eucarístico, além de evidenciar e valorizar o sacrifício do cristão como uma realidade positiva para o seu crescimento como discípulo e missionário de Jesus Cristo.

⁴ SÍNODO DOS BISPOS. XI Assembleia Geral Ordinária. *A Eucaristia: fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. Instrumentum laboris*, São Paulo: Paulinas, 2005, n. 37.

CAPÍTULO I

A NATUREZA DO SACRIFÍCIO NA CRUZ

É possível que a expressão sacrifício cause certo transtorno ao ser mencionada durante a celebração eucarística. Pode ser que a linguagem sacrificial nesse momento soe fortemente marcada pelo sofrimento e pela morte, por conta da imagem causada pela cruz. A cruz de Cristo, por sua vez, relacionada ao sacrifício do calvário, suscitava o maior peso que um homem poderia carregar. Diz Paulo que a linguagem da cruz é escândalo e loucura⁵: “Maldito todo aquele que é suspenso ao madeiro”, alude o apóstolo dos gentios à leitura que se tinha sobre o suplício na cruz, mas que, na verdade, colocada sobre os ombros de Cristo, tinha outra conotação, isto é, a salvação de toda a humanidade.

Por outro lado, mesmo não tão bem compreendido, “no coração da religião cristã encontra-se um sacrifício [...] Este sacrifício é o do Homem-Deus que expira na cruz e ressuscita para a glória”⁶. O Magistério da Igreja ressalta essa realidade sacrificial presente na celebração litúrgica e destaca a vitalidade que emana do ato derradeiro do Salvador, que se entrega à cruz. A *Mediator Dei* diz que

o augusto sacrifício do altar não é, pois, uma pura e simples comemoração da paixão e morte de Jesus Cristo, mas é um verdadeiro e próprio sacrifício, no qual, imolando-se incruentamente, o sumo Sacerdote faz aquilo que fez uma vez sobre a cruz, oferecendo-se todo ao Pai, vítima agradabilíssima.⁷

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* afirma que, na liturgia, mediante o divino sacrifício, “se atua a obra de nossa redenção”⁸; e Paulo VI, com a Carta Encíclica *Mysterium Fidei*, corrobora-a com a Constituição sobre a Liturgia do Vaticano II, ensinando que “o Senhor imola-se de modo incruento no Sacrifício da Missa, que representa o Sacrifício da Cruz e lhe aplica a eficácia salutar”⁹. É necessário, portanto, que se tenha clareza quanto ao rito sacrificial que se descerra junto ao altar do Senhor como um dos principais critérios para a plena participação na celebração eucarística¹⁰.

⁵ Cf. 1Cor 1, 18-24.

⁶ CASEL, Dom Odo, osb. *O mistério do culto no cristianismo*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2011. p. 25.

⁷ PIO XII. *Mediator Dei*. Carta Encíclica sobre a Sagrada Liturgia. 61. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20111947_mediator-dei.html. Acessado em: 22 nov. 2015.

⁸ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, 2.

⁹ PAULO VI. *Mysterium Fidei*. Carta Encíclica sobre o culto da Sagrada Eucaristia. 1965. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 34.

¹⁰ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Instrução *Redemptionis Sacramentum* sobre alguns aspectos que se deve observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia. 2004. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 38.

O termo sacrifício, entretanto, nas palavras de Ratzinger, “está carregado de equívocos. A opinião geral é a de que o sacrifício tenha qualquer coisa em comum com a destruição”¹¹, o que esconde a dimensão positiva do sacrifício-sacramento de Cristo celebrado na missa. Nesse sentido, ao tratar nesta pesquisa sobre o sacrifício eucarístico, faz-se necessário, antes de tudo, voltar o olhar para a linguagem cültica judaica, quando é referido o termo sacrifício em seu sentido ritual. Isso em função de que o sacrifício de Cristo na cruz teve como pano de fundo o mundo do Antigo Testamento¹².

Aproximando-se dessa linguagem, compreendem-se os sentidos vicário, expiatório, comensal e etc. que se conectam ao sacrifício na cruz, possibilitando a compreensão de sua natureza. Com efeito, percebe-se que o ato sacrificial de Cristo, que é único, torna-se presente em cada missa, dando cumprimento à profecia de Malaquias: “Do levantar ao pôr do sol, [...] e em todo lugar será oferecido ao meu Nome um sacrifício de incenso e uma oferenda pura”.¹³

1. Conceito e multiplicidade do sacrifício no Antigo Testamento

Sacrifício não é um termo exclusivo do povo e da cultura judaica. É de se supor que o povo hebreu, já sedentário, sofreu influência das civilizações vizinhas quanto às práticas cultuais sacrificiais e as relações delas com as suas divindades.

A satisfação dos deuses com o que lhes era ofertado sustentava a ligação dos destinos humanos. Estes, com as práticas sacrificiais, sentiam-se “sócios dos deuses poderosos”¹⁴. Havia a concepção antropomórfica de que os deuses necessitavam de alimentos. Tal perspectiva dos sacrifícios primitivos que cercavam Israel foi sendo rejeitada pelos judeus, ao menos não mais no sentido literal¹⁵, mas ainda permanecia um resquício das culturas vizinhas mesopotâmica e cananéia¹⁶. As citações bíblicas do Deuteronômio, porém, ressaltam o que era próprio do sacrifício hebreu: estabelecer uma relação de alegria familiar com Deus no local do sacrifício. O conteúdo emocional básico do culto israelita, portanto, é a alegria de estar na presença de Deus, buscando a bênção por meio do culto¹⁷. As práticas cultuais dos

¹¹ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. Prior Velho: Paulinas, 2012. p. 20.

¹² É possível fazer uma relação tipológica dos sacrifícios do AT e o sacrifício na cruz. O primeiro é *typos* do segundo. “Na interpretação moderna a tipologia aceita o fato de que a revelação do NT é feita segundo os modelos de pensamento e linguagem do AT, mas que esta transforma, porque seu conteúdo excede estes modelos. Não se pode compreender o NT nem até que ponto ele seja uma transformação se não se compreende do melhor modo também o AT. Volta-se, então, para aquilo que parece a melhor formulação do princípio fundamental da tipologia: Deus criou um povo, uma cultura e uma história precisamente para que esse povo, essa cultura e essa história se tornassem o veículo da revelação de si mesmo, que alcança sua plenitude em Jesus Cristo.” MACKENZIE, J.L. In: *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983. p. 938.

¹³ MI 1, 11.

¹⁴ KAUFMANN, Y. *A religião de Israel*. São Paulo: Edusp, 1989. p. 57.

¹⁵ Cf. R. DE VAUX. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2002. p. 487-491.

¹⁶ Cf. *Ibid.* p. 487.

¹⁷ KAUFMANN, Y. *A religião de Israel*. Op. cit. p. 112-113.

povos de Canaã estavam bem próximas do que Israel adotou, porém partiam de concepções mágicas e orgíacas, além de se voltarem às necessidades dos deuses¹⁸.

Com a reforma deuteronomista, as práticas sacrificiais estrangeiras se tornaram abomináveis. Procurou-se depurar a multiplicidade cultural sincrética¹⁹, a fim de concentrar num único lugar de culto, em Jerusalém, o sacrifício ao Senhor e fazê-lo ser cumprido estritamente conforme está prescrito na Lei²⁰, para se evitar omissões e abusos que privassem o sacrifício de seu “poder propiciatório, pois seu propósito era primariamente obter a misericórdia de Deus”²¹.

Segundo R. de Vaux, o sacrifício israelita se expressa como uma dimensão religiosa:

É uma oração em ação, é uma ação simbólica que torna eficazes os sentimentos interiores do ofertante e a resposta que Deus dá. [...] Pelos ritos sacrificiais, o dom para Deus é aceito, a união com Deus é estabelecida, o pecado do fiel é perdoado. Mas não se trata de uma eficácia mágica: é essencial que a ação exterior exprima os sentimentos verdadeiros do ofertante e encontre as disposições benevolentes de Deus. Na falta disto, o sacrifício não é mais um ato de religião.²²

O termo sacrifício presente no tempo de Jesus é abrangente. A cultura judaica tem como ponto de apoio para seu significado a palavra “oferenda”, do original hebraico קרבן, *qorban*, isto é, “uma coisa separada para o sacrifício ao Senhor e não pode ser para outro destino”. Willi-Plein alerta para o fato de o termo *qorban*, que é traduzido como “sacrifício”, ser reduzido em seu conceito. À expressão “sacrifício”, usada para traduzir *qorban*, atribui-se uma lista de várias práticas e ações sacrificiais do AT, porém com limitado conteúdo nos dias de hoje²³.

A autora define cada sacrifício conforme o seu conteúdo próprio. Ela emprega as seguintes expressões: ‘*Olâ*, *Minhâ* e *Zebah Šlamim*, definidas no Levítico, capítulos 1 a 3. “São sacrifícios no sentido próprio da palavra”²⁴, porém os motivos são diferentes e dependem do ritual de execução. A autora trata, ainda, dos sacrifícios *Hatta’* e *Ašam*, também definidos no Levítico, capítulos 4 a 5, que são sacrifícios para determinadas ocasiões e muito semelhantes liturgicamente.

¹⁸ Cf. R. DE VAUX. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Op. cit. p. 486.

¹⁹ Cf. WILLI-PLEIN, Ina. *Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 60.

²⁰ O Levítico é o livro do Pentateuco essencialmente legislativo. Ele é normativo e contém as orientações para o culto sacrificial em Jerusalém. A edição do código sacrificial (Levítico, 1-7) é creditado à escola sacerdotal pós-exílica e corresponde à fase final de longos séculos de história dos sacrifícios em Israel. In: Cf. *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. São Paulo: Academia cristã/ Paulus, 2007. p. 162.

²¹ FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. São Paulo: Academia cristã/ Paulus, 2012. p. 491.

²² R. DE VAUX. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Op. cit. p. 489.

²³ Cf. WILLI-PLEIN, Ina. *Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento*. Op. cit. p. 26.

²⁴ WILLI-PLEIN, Ina. *Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento*. Op. cit. p. 91.

1.1. *Zebah*²⁵

Antes de tudo, *Zebah* é um abate festivo. Não tem caráter de oferta a Deus, pode ser em homenagem a Deus. É um abate em que o motivo principal possui tom de comemoração, celebração²⁶. Apesar de ter apenas o caráter festivo, o abate não escapa de um ritual sagrado, uma vez que “todo abate intervém na vida, e a vida pertence a Deus”²⁷. Em todo abate o sangue, indispensavelmente, deve ser escorrido para ser considerado legal, mesmo sem a presença de um sacerdote. No período pós-exílico, o abate *Zebah* passou por uma especialização cultural, fundindo-se com o sacrifício *S^elamim*.

1.2. ‘*Olâ*

O sacrifício ‘*Olâ* é o termo hebraico que sofreu pelo processo de versão da septuaginta e, posteriormente, a vulgata traduziu-o para *holocausto*²⁸. Na tradução grega o termo quer dizer “queimar totalmente”, porém é pela origem (o hebraico) que descobrimos o seu sentido verdadeiro. ‘*Olâ* é outro sacrifício, porém o ritual em si, igualmente ao *Zebah* e ao *S^elamim*, contém a dimensão temporal da morte do sacrificado como processo que leva a vida aos que se beneficiam do sacrifício.

Quanto à execução desse sacrifício, entende-se como a oferta, total ou parcialmente, consumida pelo fogo. ‘*Olâ* significa “subir”: “é o sacrifício que faz subir sobre o altar ou, mais provavelmente, que faz subir a fumaça para Deus quando é queimado”²⁹. A vítima sendo queimada totalmente indica maior solenidade ritual e suprema adoração. O movimento ascendente da fumaça pela queima total da oferenda encontra no II Templo uma importância imensa. O entendimento se baseia na ligação do que está embaixo com o que está em cima, um sinal cósmico do santuário que se liga com o santuário celeste³⁰. “Um meio, portanto, para entrar na proximidade de Deus”³¹. Oferta-se para purificação depois do parto (Lv 12, 6-8), para a purificação do leproso (Lv 14, 19-22), após a purificação de doenças sexuais (Lv 15, 14-30); na consagração do nazireu (Nm 6, 10-14), na consagração dos sacerdotes (Lv 9) e regularmente de manhã e à tarde no Templo (Esd 3, 3)³².

²⁵ *Zebah* é uma palavra hebraica, cuja forma verbal indica “matar para sacrifício”; dá a ideia de animal morto.

²⁶ O texto de 1Sm 9 indica um *zebah* com as características de um acontecimento festivo: convidados para a festa, celebração em um lugar de culto, uma autoridade que inicia a comemoração com uma bênção.

²⁷ WILLI-PLEIN, Ina. *Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento*. Op. cit. p. 73.

²⁸ Cf. R. DE VAUX. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Op. cit. p. 453.

²⁹ R. DE VAUX. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Op. cit. p. 453.

³⁰ Cf. Ibid. p. 84.

³¹ Ibid. p. 82.

³² MACKENZIE, J.L. In: *Dicionário bíblico*. Op. cit. p. 821.

1.3. *Minhâ* – Oferenda em homenagem

Dentre os sacrifícios da Lei, *Minhâ* é o mais genérico, pois, conforme a etimologia demonstra, o termo pode ser compreendido como uma oferta para apaziguar conflitos. Jacó (Gn 32, 14ss) manda uma grande *Minhâ* diante de Esaú. Semelhante a essa passagem encontramos a *Minhâ* oferecida pelos irmãos de José ao alto funcionário egípcio, a fim de convencê-lo (Gn 43, 11ss).

Em 2Rs 8,8 nota-se a *Minhâ* como presente de saudação. Nessas passagens a expressão *Minhâ*, contida no texto bíblico veterotestamentário, supõe uma oferta para homenagear um superior, algo como reconhecer a dignidade, a excelência e a primazia daquele que a recebe, além de pretender a benevolência e o favor do presenteado. É um sacrifício, porém sem o derramamento de sangue.

Ina Willi-Plein diz que a *Minhâ* é uma oração materializada, pois desempenhava um papel espiritual importante no culto sacrificial³³. O sacrifício é preparado como uma refeição oferecida a Deus e se exige para ela um aroma agradável, daí os elementos azeite, incenso e outras substâncias aromáticas que compõem tal oferecimento. Uma parte da oferta era queimada e a outra parte poderia ser consumida pelo sacerdote, porém somente no santuário.

1.4. *S^elamim*³⁴

O sacrifício *S^elamim* tem sua origem e vínculo no abate festivo *Zebah*. Era realizado em um rito de comunhão, com banquete sagrado na presença de Deus. O ritual desse sacrifício é parecido com o ritual do sacrifício de combustão, conhecido como *‘Olâ*, supracitado, no qual a vítima é inteiramente queimada.

No *S^elamim*, por outro lado, apenas as partes gordas eram oferecidas sobre o altar, o restante era consumido pelos sacerdotes e pelos ofertantes, juntamente com as famílias³⁵. Um detalhe com relação a esse sacrifício é que aquele que realiza o abate coloca a mão sobre o animal. Esse gesto pressupõe, segundo a pesquisa de Willi-Plain, a identificação do animal com o sacrificante, em que o primeiro substitui o segundo. Pela imposição das mãos se transfere o pecado para o animal. Seria, portanto, um rito de substituição no qual o sacrificado morre no lugar do ser humano. Outro detalhe é que ao se realizar o sacrifício *S^elamim* espera-se o olhar de Deus sobre os ofertantes.

³³ Ibid. p. 79.

³⁴ A palavra *S^elamim* tem a probabilidade de ser relacionada com a idéia de paz em hebraico (*Shalom*), pois com ele se estabelece a paz com Deus. Flavio Josefo denomina tal sacrifício de “oferenda de ação de graças”. Cf. COMENTÁRIO BÍBLICO MUNDO HISPANO. Levítico, Números y Deuteronomio. Tomo 3. Texas: Mundo hispano, 2004. p. 51.

³⁵ Cf. CIMOSA, Mario. *Levítico e Números*. Op. cit. p. 18-19.

O culto pode indicar “uma audiência no santuário, um comer e beber e, portanto, um viver diante de Deus, que olha com benevolência para a comunidade envolvida, e a deixa valer em sua presença”³⁶. Ao mesmo tempo, o sacrifício tinha a dimensão comunitária, que festejava diante de Deus e se alegrava com o Seu olhar voltado para Israel³⁷.

1.5. *Hatta’ e Ašām*

Sobre os sacrifícios *Hatta’* e *Ašām*, diferentemente do grupo acima, não se pode dizer que são um dom, tributo ou homenagem a *Yahweh*, mas sim um meio para se restabelecer uma ordem perturbada³⁸ e, ainda, um meio de pagar uma dívida para se livrar do castigo³⁹.

O *Hatta’*, em sua forma verbal, aparece 175 vezes no AT⁴⁰ e pode ser entendido como um erro de comportamento, uma ação perturbadora que atinge Deus, outra pessoa ou a comunidade, “pois aí ocorre uma invasão da desordem e do caos na ordem vital estabelecida por Deus. A própria vida, então, está perturbada”⁴¹. Pode-se ou não ter a consciência da ação perturbante, porém os atos e as ações contaminam a ordem vital.

No santuário, por ser o centro da vida, realiza-se o ato ritual do *Hatta’* a fim de destruir o pecado através do derramamento do sangue. O altar colocado no centro do santuário recebe o sangue aspergido encerrando e pondo fim à contaminação causada pelo pecado⁴²: “Assim o sinal da reparação, no lugar sagrado, possibilitava novamente a vida; a ordem vital perturbada era restabelecida; a morte e o caos, derrotados”⁴³. Acontece a expiação: a vida, no sangue, é levada à presença de Deus para que se restabeleça a ordem da vida e ao culpado da contaminação, aconteça a salvação. Em última instância, Deus realiza a expiação pelo ritual, daí a sua eficácia.⁴⁴

Já *Ašām* não tem o mesmo significado de sacrifício pelo pecado, mas um sacrifício para a reparação da culpa reconhecida (Lv 5, 14-26). Requer confissão pública. Liturgicamente, *Hatta’* e *Ašām* são semelhantes, difíceis de discernir entre si⁴⁵, entretanto a impressão é de que *Hatta’* tem um alcance mais amplo e *Ašām*, por outro lado, “visa sobretudo as faltas pelas quais se lesou a Deus (ou seus sacerdotes) ou o próximo, o que dá a esse sacrifício seu caráter

³⁶ WILLI-PLEIN, Ina. *Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento*. Op. cit. p. 89.

³⁷ Cf. Ibid.

³⁸ Cf. Ibid. p. 91.

³⁹ Ibid. p. 98.

⁴⁰ Ibid. p. 91.

⁴¹ Ibid. p. 92.

⁴² Cf. Ibid.

⁴³ Ibid. p. 92-93.

⁴⁴ Cf. Ibid. p. 93.

⁴⁵ Ao longo da história variou muito o seu sentido e os pensadores e estudiosos não concordavam entre as suas conclusões.

de reparação”⁴⁶. Dentro do código sacrificial, porém, existe uma inconsistência: os termos dão a impressão de se encaixarem nos mesmos fins e objetivos, conforme percebe-se na sua aplicação em Levítico 4-5. Por uma questão de ordem, o *Hatta'* se posiciona em Levítico 4, 1-5. 13-15 e o *Ašam*, em Levítico 5, 14-26; no entanto, vê-se em algumas citações bíblicas os termos serem colocados indistintamente.

Tendo-se a preocupação de compreender e apresentar o sacrifício e suas diversas formas de realizá-lo no culto litúrgico do II Templo, talvez uma questão possa ficar em aberto quando se abate um animal para ofertá-lo ao Criador. Se o homem tem necessidade de consolidar uma relação de comunhão com Deus e a imperfeição do ser humano e suas quedas cotidianas o afastam dessa união, então a oferta que o homem deveria fazer é a de si mesmo e não a de um animal, a fim de ligar o mundo a Deus⁴⁷.

Desse sentido de insuficiência sacrificial para com Deus surgiram na história os sacrifícios humanos; porém, Deus quer erradicar tais práticas sacrificiais de Israel e sua pedagogia conduz aos sacrifícios tipológicos de Isaac e do cordeiro pascal, que valorizam os prediletos de Deus, uma vez que a ordem do Senhor é que todo primogênito animal deva ser ofertado, porém o primogênito humano deve ser resgatado⁴⁸.

2. Os sacrifícios tipológicos: Isaac e o cordeiro pascal

Em uma leitura atenta percebe-se que a posição em que estão os Livros do Gênesis e do Êxodo, com relação ao Levítico e à Lei do Sacrifício, dão sentido ao culto sacrificial de “substituição de uma vítima humana por um animal”⁴⁹. O conteúdo litúrgico do Levítico dá a entender que o ritual dos sacrifícios, no contexto da Torá – com o Gênesis e o sacrifício de Isaac e com o Êxodo e o sacrifício do cordeiro – demonstra a vontade de Deus em conduzir os destinos sacrificiais, não mais aos moldes dos pagãos, mas segundo os preceitos divinos. Nessa perspectiva, R. de Vaux insiste que, do relato de Isaac, Israel rejeitou os sacrifícios humanos, uma vez que Deus segurou a mão do patriarca⁵⁰. Em outro texto, o sacrifício pascal na ótica do Êxodo tem o caráter de sinal de proteção: os primogênitos são poupados pelo exterminador, então as crianças israelitas são substituídas por um animal⁵¹. A cultura de Israel, por sua vez, fica livre do costume pagão no que concerne aos seus sacrifícios profanos e as suas práticas religiosas⁵².

⁴⁶ R. DE VAUX. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Op. cit. p. 458.

⁴⁷ Cf. RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. 5.ed. Prior Velho: Paulinas, 2012. p. 27-28.

⁴⁸ Cf. Ex 13, 15; Lc 2, 23

⁴⁹ Cf. R. DE VAUX. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Op. cit. p. 480-481.

⁵⁰ Ibid.

⁵¹ Cf. WILLI-PLEIN, Ina. *Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento*. Op. cit. p. 108.

⁵² Ibid.

2.1. O sacrifício de Isaac

No capítulo 22 de Gênesis vê-se Abraão, que recebe um pedido de Deus para sacrificar o filho da promessa, Isaac⁵³. A promessa feita a Abraão deve ser cumprida e a descendência prometida se realiza em função da fé do Patriarca⁵⁴, o que implica dizer que em Deus, em contraposição aos sacrifícios praticados em Canaã, há a substituição do filho por um carneiro colocado ali pela mão do Senhor, indicando a substituição do ser humano pelo animal, descartando por completo os sacrifícios humanos. O texto legitima o sacrifício de substituição quando demonstra a providência divina no fato dramático do sacrifício de Isaac: “Abraão ergueu os olhos e viu um cordeiro, preso pelos chifres num arbusto; Abraão pegou o cordeiro e o ofereceu em holocausto no lugar de seu filho”⁵⁵. A substituição, assim, é justificada pela prescrição divina: os dons que Deus dá ao homem, ele devolve ao Senhor como oferta agradável⁵⁶.

O texto de Gênesis, capítulo 22, é curioso e intriga quem o lê procurando entender a motivação à qual Deus submete Abraão com o pedido de oferecer o próprio filho em holocausto. O sacrifício de Isaac está na ordem do ‘*Olá*’: a vítima será totalmente ofertada, destruída completamente. Dessa passagem bíblica, porém, pode-se ter um horizonte prefigurado, no qual outro sacrifício foi realizado, um sacrifício humano, mas a vítima não foi ofertada pelo pai, no caso de Abraão, mas é o próprio Filho encarnado quem se oferece.

No primeiro caso existe a providência divina: Abraão não hesita em oferecer o filho em obediência a Deus, no entanto Deus intervém mandando um cordeiro em substituição. Percebe-se, portanto, nessa passagem bíblica a abolição definitiva dos sacrifícios humanos. No segundo caso, no sacrifício de Jesus, cuja figura *typos* é o sacrifício de Abraão, nota-se que Deus não intervém. Ele envia o filho ao mundo para o sacrifício⁵⁷, mas o próprio filho se oferece como o único e definitivo sacrifício perfeito⁵⁸.

2.2. O sacrifício do cordeiro

Outro sacrifício que está na ordem da economia da Lei antiga e que tem importância pela prefiguração em Cristo é o sacrifício do cordeiro pascal. Talvez seja possível identificá-lo como o sacrifício que melhor se relaciona tipologicamente com o sacrifício de Jesus no Novo Testamento e que é capaz de convergir na esfera etiológica com a Páscoa cristã. Pode-se notar

⁵³ Cf. Gn 17: 15-21.

⁵⁴ Gn 22: 15-18.

⁵⁵ Gn 22: 13.

⁵⁶ Lv 1-3.

⁵⁷ Jo 3, 16; Rm 8: 32.

⁵⁸ Cf. THANNER, Natanael, ocr. O único sacrifício perfeito: sua essência e sua prefiguração. In: *Sapientia crucis*: revista filosófico-teológica do Institutum Sapientiae. Anápolis, n.4, p. 41-112, 2003.

essa relação com as palavras de João (o batizador) quando diz: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”⁵⁹. O Cordeiro que João identifica com Jesus alia-se ao cordeiro manso e resignado do profeta Isaías⁶⁰, que é conduzido ao matadouro.

O relato da Páscoa judaica está em Êxodo, capítulo 12. Tal relato apresenta uma ideia de transição: no meio da noite, quando o exterminador passar, a refeição deverá estar terminada e, na passagem do dia 14 para o 15 de Nissán, o êxodo acontece. Daí se explica a pressa em realizar a celebração já com tudo preparado para a saída: “com os rins cingidos, sandálias nos pés e vara na mão”⁶¹.

Contíguo ao ritual sacrificial está o ritual da comensalidade, pois, segundo R. de Vaux, ocorreu um sacrifício *Zebah*; a carne devia ser assada e comida na noite de lua cheia daquele dia⁶². Cada família escolhia um cordeiro de um ano, macho, sem defeito, sem quebrar-lhe nenhum osso. Em seguida, deviam comer a vítima imolada com pão ázimo e ervas amargas⁶³. O banquete ritual se faz memória da noite em que o Senhor feriu todo primogênito do Egito e poupou os primogênitos das casas de Israel marcadas com o sangue do cordeiro. Renova-se essa passagem quando, durante a celebração da Páscoa, se diz aos filhos de Israel: “É por isso que sacrifico a Iahweh todo macho que sair por primeiro do útero materno e resgato todo primogênito de meus filhos”⁶⁴. Israel foi salvo pelo sacrifício de substituição: um cordeiro foi sacrificado para que os filhos de Israel pudessem sair da escravidão.

A dimensão sacrificial do ritual aponta para o sinal do sangue do cordeiro nos umbrais das portas. Sem o sangue, todavia, não haveria mudança de situação: da escravidão no Egito para a liberdade na terra prometida. Para Giraudo⁶⁵ essa mudança de situação está marcada em três tempos. Teologicamente, Israel, cativo no Egito, está sofrendo uma pena por uma culpa, não individual ou mesmo específica, porém deve ser submetido ao vassalo por conta da infidelidade dos primeiros pais. O segundo tempo demonstra o olhar misericordioso de Deus para com o povo escolhido. A salvação se impõe por uma substituição: essa é a lógica da economia salvífica, induz Giraudo. O cordeiro, por isso, entra na ordem da mediação substitutiva. No terceiro tempo, pela morte substitutiva do cordeiro Israel, novamente volta à relação com Deus e a vida: e “os egípcios da Bíblia, não tendo sido destinatários de nenhuma revelação, não procuraram um substituto e são submersos nas ondas do Mar”⁶⁶.

⁵⁹ Jo 1, 29.

⁶⁰ Is 53.

⁶¹ Ex 12, 11.

⁶² Cf. R. DE VAUX. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Op. cit. p. 522.

⁶³ Cf. Ex 12, 1-11.

⁶⁴ Ex 13, 15.

⁶⁵ GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo*: tratado mistagógico sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003. p. 83-85.

⁶⁶ Ibid. p. 85.

Segundo Giraudo⁶⁷, “a imolação do cordeiro pascal é, ao mesmo tempo, morte e vida: morte para o animal vicário e vida para Israel. Na morte do cordeiro pascal, Israel morre à não-relação, morre por ter estendido a mão no jardim do Éden, morre à servidão do Egito e renasce à relação”. Com o sinal profético, portanto, na noite anterior, Israel é conduzido ao evento da passagem do mar e renasce para o serviço ao Senhor. O sinal do sangue que marcou as portas das casas será o “sinal de pertença e proteção”⁶⁸. A ceia realizada como obediência ao Senhor prefigura o momento central da morte e ressurreição⁶⁹, morte à servidão e “renascimento à condição nova na terra que o Senhor dá”⁷⁰.

Israel realizou seu papel na economia da salvação cumprindo os preceitos bíblicos. A relação com Deus na história funda uma identidade cultural. Após a queda o homem passa a oferecer os seus sacrifícios na intenção de voltar à comunhão com o Senhor. Em Jerusalém o homem encontra o centro de sua proximidade com Deus. Ali ele quer ver e ser visto por Deus. O culto sacrificial no templo significava a mediação entre o céu e a terra, em que uma vida é doada àquele que dá a vida. Ali se realizava uma liturgia com uma diversidade de celebrações cultuais, conforme se expôs acima, o que demonstra ser um constante empenho do ser humano superar o abismo entre Deus e o homem por meio da mediação vicária. Por ser imperfeita, não poderia levar à perfeição o plano de Deus, mas em Cristo sim, como se lê na oração sobre as oferendas na missa da décima sexta semana do tempo comum: “Ó Deus, que no sacrifício da cruz, único e perfeito, levastes à plenitude os sacrifícios da Antiga Aliança”⁷¹.

3. O sacrifício perfeito na cruz

Klaus Berger escreveu a obra “Para que Jesus morreu na cruz?”⁷². Nela o autor quer conduzir o seu pensamento sob um conceito amplo do sacrifício de Jesus, que contém não apenas o ato da entrega na cruz, mas uma vida inteira doada, desviando-se do aspecto redentor da morte no Gólgota e, por extensão, do sacrifício eucarístico⁷³. Por outro lado, outros autores ressaltam o sacrifício de Cristo na cruz como plenitude dos sacrifícios do templo e o colocam como o eixo da salvação.

Ratzinger, por exemplo, afirma em sua obra “Jesus de Nazaré” que é claro e evidente que “com a cruz de Cristo, os antigos sacrifícios do templo ficaram definitivamente superados.

⁶⁷ Ibid. p. 85.

⁶⁸ Ibid. p. 79.

⁶⁹ A Ceia profética que os israelitas celebraram na noite anterior a fuga do Egito é única na história, porém ela é celebrada como ordem divina. O sinal do cordeiro pascal não esgota seu potencial teológico. Portanto, deve ser retomado pelas gerações futuras para que seja “memorial de redenção”. Cf. Ibid. p. 81.

⁷⁰ Cf. Ibid. p. 79-81.

⁷¹ MISSAL ROMANO. 2ª edição típica. São Paulo: Paulus, 1992. p. 360.

⁷² BERGER, Klaus. *Para que Jesus morreu na cruz?*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 67-99.

⁷³ Ibid. p. 98-99.

Algo novo aconteceu”⁷⁴. O Papa emérito ainda afirma que os sacrifícios e os cultos antigos foram incapazes de realizar o que propunham⁷⁵. Jesus cumpriu o que já os profetas clamavam sobre o sangue de touros e cabritos, que era ineficaz quanto à purificação e expiação humanas; no entanto, a nova realidade da cruz se realizou: a reconciliação.⁷⁶ “Os sacrifícios do templo – o centro cultural da Torá – estavam superados; Cristo tomara o seu lugar.”⁷⁷

Nessa perspectiva, Odo Casel diz que “Cristo representa toda a humanidade”, porém puramente humano não poderia oferecer o verdadeiro sacrifício agradável a Deus. Aos homens, então, seria impossível em função do pecado. Ele, por sua vez, é impotente para elevar-se ao Senhor. Deus deveria, por isso, vir ao homem e abrir o caminho da salvação a toda a humanidade.⁷⁸ Nesse sentido, não se realiza um sacrifício de substituição como os do templo, mas, na ótica de França Miranda, a morte de Cristo é em lugar dos humanos. Salva a vida condenada ao entregar a sua própria⁷⁹. Com efeito, argumenta Natanael Thanner, ao assumir a natureza humana, menos no pecado, Jesus paga na cruz pela ofensa infinita devida ao Pai, reparando a desonra divina causada pelo homem livre, dando-lhe a oportunidade de salvação⁸⁰. Se, portanto, a ofensa a Deus é infinita, necessariamente “a pessoa que repara a ofensa não pode ser uma pessoa finita, tem que ser infinita: uma pessoa divina”⁸¹.

Cristo se pôs à caminho desse destino, obediente e manso, o servo que Isaías⁸² canta em versos que retratam bem a condição pela qual Cristo se entregou: nossa Páscoa foi imolado⁸³. Nesse sentido, Thanner afirma que Jesus é reconhecido na escritura neotestamentária como “Aquele que realiza a Páscoa Judaica.”⁸⁴

3.1. Eis o cordeiro pascal

De todas as realidades sacrificiais verotestamentárias da economia da Lei, uma em especial é a melhor prefigurativa de Cristo: a figura do cordeiro pascal. Assim como o sangue do cordeiro foi fundamental para a libertação do povo hebreu, o sangue de Cristo redimiu e salvou⁸⁵. A comparação de Jesus com o cordeiro da Páscoa judaica fez João orientar todo seu Evangelho para a Páscoa de Jesus e assimilá-lo ao cordeiro pascal, o Cordeiro de Deus que

⁷⁴ RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição*. Cascais: Principia, 2011. p. 188.

⁷⁵ Cf. Ibid. p. 194

⁷⁶ Cf. Ibid. p. 188.

⁷⁷ Ibid. p. 188.

⁷⁸ Cf. CASEL, Dom Odo, osb. *O mistério do culto no cristianismo*. Op. cit. p. 33-34.

⁷⁹ Cf. MIRANDA, Mario de França. *A salvação de Jesus Cristo*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2009. p. 76.

⁸⁰ Cf. THANNER, Natanael, ocr. O porquê da Cruz (II). In: *Sapientia crucis* – Revista filosófico-teológica do Institutum Sapientiae. Anápolis, n.2, p. 28-41, 2001.

⁸¹ Ibid. p. 40.

⁸² Is 52, 13-53, 1-12.

⁸³ Cf. 1Cor 5, 7.

⁸⁴ Cf. THANNER, Natanael, ocr. *O único sacrifício perfeito: sua essência e sua prefiguração*. Op. cit. p. 94.

⁸⁵ 1Pd 18s.

tira o pecado do mundo⁸⁶. O evangelista coloca na boca do “Batizador” o reconhecimento da natureza sacrificial do Filho de Deus: “Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”⁸⁷.

Na narrativa do Quarto Evangelho, Jesus é levado à cruz próximo da hora sexta⁸⁸; era o momento em que os judeus preparavam a ceia pascal, que devia ocorrer depois do pôr do sol, conforme prescreve Êxodo 12, 6. Os cordeiros nesse momento eram levados para o Santuário para serem abatidos. Com isso, configura-se uma tentativa de João de transmitir a idéia de que Jesus é o verdadeiro Cordeiro Pascal, pois, no instante da morte na cruz, os cordeiros eram imolados no templo para a ceia⁸⁹. Tal afirmação – Jesus é o verdadeiro Cordeiro Pascal – ajusta-se ainda ao fato de os soldados não terem quebrado as pernas de Cristo, como fizeram com os outros crucificados ao lado dele; logo cumpriu-se a Escritura que diz: “Nenhum osso lhe será quebrado”⁹⁰.

3.2. O sacrifício de Cristo: entrega de si mesmo

Pode-se perceber nas palavras de Thanner que mesmo que não houvesse um ato cultual, um ato externo de culto a Deus na cruz, houve sim “um ato supremo de amor a Deus e aos homens – dom completo de si mesmo a Deus em nosso favor – e é desse modo que Jesus presta culto a Deus, oferece o sacrifício redentor”⁹¹.

O sacrifício de Jesus é um ato de amor a Deus na entrega de si mesmo, motivada pelo amor em adoração ao Pai; Jesus reconhece Nele a soberania. Se o ato de amor compromete a pessoa, então, no sacrifício, há a entrega pessoal de si mesmo, realizando um dom substancial⁹². Essa doação, que especifica o conceito de sacrifício, no caso de Jesus é em sentido estrito, ou seja, o que se entrega em sacrifício tem a sua substância, argumenta Thanner⁹³, e não apenas uma ação ou aparência. O sacrifício, para ser estrito, não pode apenas ser na dimensão espiritual, interior, invisível – do ofertante – “mas também segundo a dimensão corporal, exterior, visível”⁹⁴; isto é, aquilo que é entregue necessariamente deve ser uma substância, um ser vivo. O sacrifício de Jesus, portanto, foi a entrega da sua pessoa divina a Deus, a sua própria substância, não de outro ser.

Nessa perspectiva a entrega de Jesus ao Pai se dá pela comunhão pessoal com Deus, pois o amor que une o Pai e o Filho move-se à consumação perfeita pelo sacrifício realizado na cruz

⁸⁶ Cf. DURRWELL, François-Xavier. *A morte do Filho: o mistério de Jesus e do homem*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 80-81.

⁸⁷ Jo 1, 29.

⁸⁸ Jo 19, 14.

⁸⁹ Cf. THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 178.

⁹⁰ Jo 19, 36; Ex 12, 46.

⁹¹ THANNER, Natanael, ocr. *O único sacrifício perfeito: sua essência e sua prefiguração*. Op.cit. p. 51.

⁹² Cf. Ibid. p. 56.

⁹³ Cf. Ibid. p. 57.

⁹⁴ Ibid.

e, em sua essência, o sacrifício tem por finalidade a comunhão com Deus⁹⁵. Por outro lado, é um ato do homem a Deus e não o contrário. O sacrifício humano, por isso, é o ápice do amor a Deus e, em Jesus que se colocou ao lado do homem, defronte de Deus, o sacrifício na cruz é o ato supremo de seu amor humano. Enquanto homem “Ele realiza o amor reverente, adorador, obediente”⁹⁶. “Foi ação humana de uma pessoa divina. Isto dá um valor infinito a esta ação humana”⁹⁷.

Segundo Thanner, portanto, o sacrifício de Jesus foi perfeito “porque realizou o dom substancial de maneira perfeita”⁹⁸. Com Jesus o sacrifício chega à perfeição em sua essência, “pois o ato de amor humano é o de uma Pessoa divina, é de uma intensidade e grau de divinização que é a máxima possível, como o é também a liberdade deste amor; também a vítima oferecida é uma Pessoa divina na Sua natureza humana”⁹⁹.

Por conseguinte, não se pretende desmerecer os sacrifícios do Antigo Testamento e nem negá-los, mas, como enfatiza Thanner, o sacrifício de Cristo é perfeito, os outros não¹⁰⁰.

Com este trabalho demonstra-se que a liturgia sacrificial do templo de Jerusalém estava na dimensão relacional com Deus, pois seguiam-se os preceitos recebidos por meio da Primeira Aliança. Celebravam-se, portanto, as liturgias tentando-se a salvação, realizando-se um ato visível em que se buscava a Deus; no entanto, o esforço não foi capaz de alcançar a plenitude e esses rituais se mostraram insuficientes.

A natureza do sacrifício de Cristo, por sua vez, vem na ordem dos sacrifícios que foram superados. Pela perspectiva profética, a ceia de Jesus liga-se ao Calvário e, intrínseco à liturgia do pão e do vinho que Jesus inaugurou, está o conteúdo sacrificial verotestamentário, pois os termos que Jesus empregou, como “corpo dado” e “sangue derramado”, se aproximam do contexto ritual do templo e dos sacrifícios ali realizados como “meio para entrar na proximidade de Deus”¹⁰¹: sacrifícios de comunhão, holocausto para Deus, sacrifício pelo pecado e reparação.

Jesus cumpriu o desígnio que lhe fora atribuído ao se entregar na cruz e ali realizar o sacrifício da Nova Aliança. Antes, porém, de encerrar aquela ceia derradeira e partir ao Pai, deixou o meio para que dele participassem os discípulos e toda a Igreja que nasceu do Mistério Pascal¹⁰². Ele configura um novo culto e inaugura um caminho novo com seu

⁹⁵ Cf. Ibid. p. 61.

⁹⁶ Ibid. p. 64.

⁹⁷ Ibid. p. 72.

⁹⁸ Ibid. p. 69.

⁹⁹ Ibid. p. 75.

¹⁰⁰ Cf. Ibid. p. 85.

¹⁰¹ WILLI-PLEIN, Ina. *Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento*. Op. cit. p. 82.

¹⁰² JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*. Carta Encíclica. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 3.

próprio corpo¹⁰³, pois, na noite em que ia ser entregue, Jesus realiza sacramentalmente o sacrifício do Calvário e dá uma ordem de interação para a futura geração de cristãos, que do Cenáculo se expande e confia. Com efeito, o que se realiza posteriormente àquele momento, nas missas, “torna presente o sacrifício da cruz”¹⁰⁴, e se cumpre a promessa de Cristo: “E eis que estou convosco todos os dias”¹⁰⁵.

¹⁰³ Cf. Hb 10, 20.

¹⁰⁴ JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*. Carta Encíclica. Op. cit. p. 12.

¹⁰⁵ Mt 28, 20.

CAPÍTULO II

A NATUREZA DO SACRIFÍCIO NO ALTAR

No momento em que Jesus antecipava profeticamente o seu sacrifício na cruz, durante a ceia no cenáculo, realizou algo surpreendente e deixou para os discípulos a “expressão máxima da novidade neotestamentária”¹⁰⁶. Ele se dirigiu aos comensais e apresentou diante dos olhos deles o alimento que, “por transformação”, tornar-se-ia a carne e o sangue dele mesmo, diz Justino¹⁰⁷. Da ceia que celebraram, Jesus ordenou a sua reiteração, não da antiga, mas sim da nova ceia. A novidade, portanto, da instituição da Eucaristia, naquela noite antes do sacrifício na cruz, tornou-se uma nova e surpreendente realidade, “a transformação do sacrifício no templo para a celebração segundo o *logos*”¹⁰⁸.

As palavras de Jesus, naquela noite, contêm muito mais do que a cultura judaica apresentava com relação ao rito pascal. O desdobramento daquelas palavras revela um rico conteúdo. São expressões que foram proferidas por Cristo e entregues à Igreja como ordem de interação para que fossem proclamadas na “repetida páscoa das gerações”¹⁰⁹.

Irrompendo novos ares teológicos e pastorais, o Vaticano II ensinou que “o nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o sacrifício eucarístico do seu corpo e do seu sangue para perpetuar no decorrer dos séculos, até ele voltar, o sacrifício da cruz”¹¹⁰. Diante disso, a partir da realidade do cenáculo, podem-se suscitar as seguintes questões: em que sentido a Eucaristia é sacrifício? Não é único e suficiente o sacrifício que Cristo realizou na cruz?

Essas são admoestações feitas por Aldazábal¹¹¹, que são perfeitamente plausíveis por qualquer pessoa que celebra dominicalmente a Eucaristia e depara com a expressão “sacrifício de Jesus”, enquanto “corpo entregue” e “sangue derramado”¹¹². São necessárias, assim, algumas chaves para compreender-se que o “sacrifício da cruz e o sacrifício que Cristo faz agora de si mesmo na missa são em tudo o mesmo”¹¹³.

Nessa perspectiva, tentar-se-á desenvolver as expressões marcantes do sacrifício no que tange ao “corpo e sangue”, à “comensalidade” da vítima imolada, ao “memorial” e à

¹⁰⁶ GIRAUDO, Cesare. *Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 156.

¹⁰⁷ Cf. JUSTINO DE ROMA: I Apologia, 66. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística).

¹⁰⁸ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. Op. cit. p. 58. O Papa Emérito enfatiza que Jesus não autorizou a reiteração de uma ceia pascal judaica, a ceia celebrada em si mesma, mas a novidade que remetia para a cruz; por isso o contexto velho foi sendo deixado e o novo tomou o seu lugar.

¹⁰⁹ Cf. GIRAUDO, Cesare. *Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. Op. cit. p. 146.

¹¹⁰ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. Op. cit. p. 47.

¹¹¹ ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 345.

¹¹² Ibid. p. 346.

¹¹³ VAGAGGINI, Cipriano, OSB Cam. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 150.

“sacramentalidade” do sacrifício, para demonstrar-se a natureza do sacrifício no altar situando-o nas celebrações atuais. Por isso, para se compreender o sacrifício nos altares de hoje, deve-se buscar primeiro lá no Cenáculo o seu sentido original.

1. No cenáculo Jesus antecipa o sacrifício na cruz

Ao oferecer um pedaço de pão aos discípulos, como de costume, na continuação da refeição pascal, Jesus dá início à instituição da Eucaristia. O termo-chave das palavras que dinamizam a instituição referente ao pão, segundo Cesare Giraudo¹¹⁴, é *σῶμα* (*corpo*). Esse termo expressa, juntamente com o sangue também oferecido, o sacrifício de entrega de si mesmo na cruz, antecipado na última ceia.

A expressão litúrgica que a Igreja recebeu como mandato para perpetuar esse mistério e que se realiza “sobre o altar do mundo”¹¹⁵ – “Isto é o meu corpo que será entregue por vós”¹¹⁶ – deve ser lida como “oráculo de promessa com que o Senhor Jesus, na véspera de sua paixão, deu-se profeticamente à comunidade do cenáculo”¹¹⁷. O corpo, portanto, é a dimensão sacrificial¹¹⁸ que está no centro das palavras institucionais as quais fortalecem a finalidade da morte vicária de Cristo pela humanidade.

1.1. Isto é o meu corpo

Quando Jesus pegou e apontou o pão dizendo: “isto é o meu corpo”¹¹⁹, possivelmente a frase se mostrou confusa aos discípulos, pois naquele momento parecia apenas um simples pedaço de pão, algo bem conhecido e um elemento constituinte da celebração pascal judaica, que não representava coisa excelsa, sendo um alimento comum no contexto daquele tempo; no entanto, ao dizer as palavras “isto é o meu corpo” – um pronome demonstrativo mais um predicado e um verbo de ligação – demonstra-se que a “natureza da coisa apresentada”, apontada pelo verbo “é”, define a mística realidade presencial de Cristo sob a espécie visível demonstrada¹²⁰.

A palavra *σῶμα* (*corpo*), por sua vez, e que Giraudo quer ressaltar, consta dos Sinóticos e em Paulo, escritos gregos portanto. O autor quer acentuar que a palavra escrita em grego nos textos do Novo Testamento não é a que saiu da boca de Jesus. No diálogo com seus

¹¹⁴ GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. Op. cit. p. 158.

¹¹⁵ JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*. Carta Encíclica. Op. cit. p. 8.

¹¹⁶ MISSAL ROMANO. 2ª edição típica. Op. cit. p. 478.

¹¹⁷ Ibid. p. 164.

¹¹⁸ Quando distribuiu o pão e o vinho Jesus utilizou termos que estavam bem presentes na cultura sacrificial daquele tempo: corpo dado e sangue derramado; por isso, Padoin investe no sentido de que os gestos e as palavras de Jesus no cenáculo manifestam, sob muitos aspectos, um “inerente caráter sacrificial”. Cf. PADOIN, Giacinto. *O pão que eu darei*: o sacramento da Eucaristia. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 231.

¹¹⁹ Cf. Mt 26, 26; Mc 14, 22; Lc 22, 19; 1Cor 11, 24.

¹²⁰ Cf. GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. Op. cit. p. 166-170.

discípulos, Cristo falava em aramaico¹²¹, mas, ao considerar o que o Mestre disse, o autor sagrado tentou expressar na língua comum daquele tempo – o grego – o que em aramaico poderia refletir com fidelidade o termo σωμα, mas com conotação semítica.

Giraudou encontra em dois autores o sentido da palavra σωμα e a coloca como resultado da expressão semítica בשרא (*biśrā*). Giraudou ressalta as pesquisas de J. Bosnsirven e Jeremias, que são concordes no entendimento de que a palavra *biśrā* é a matriz de σωμα nos relatos institucionais da Eucaristia, no que tange ao corpo de Cristo dado em alimento.¹²² Segundo o argumento de Giraudou, é evidente o fato de que Jesus, naquela noite antes de sofrer na cruz, não proferiu em grego as palavras institucionais quanto ao seu corpo, mas, nas redações neotestamentárias, as comunidades traduziram-nas para σωμα, por apresentarem “considerável amplitude semântica” a partir de termos semíticos¹²³, o que quer expressar um corpo estruturado com todos os seus elementos vitais¹²⁴. Como se percebe, na argumentação de Giraudou existe uma enfática conotação sacrificial nas palavras de Jesus: “isto é o meu corpo”, que vem significar: “Isto sou eu mesmo, minha pessoa que se vos oferece em alimento”¹²⁵.

1.2. Isto é o meu sangue

Nesta pesquisa sobre a natureza do sacrifício de Jesus não se pode deixar de mencionar o sangue com relação às palavras da instituição no cenáculo. Assim como o pão, também o vinho está na “base conjunta da dimensão sacrificial e da dimensão sacramental”¹²⁶.

Continua-se, pois, com o estudo de Giraudou, que se dedica a examinar a fórmula: “isto é o meu sangue”, porém na mesma perspectiva do corpo que será dado. Aqui Giraudou trabalha a expressão: o “sangue a ser derramado”¹²⁷.

Por si mesmo o sacrifício exige o derramamento de sangue da vítima, e o texto do Levítico¹²⁸ impõe a sacralidade do sangue durante a prática sacrificial. Para os discípulos a

¹²¹ Cf. Ibid. p. 158.

¹²² Cf. Ibid. p. 159.

¹²³ Giraudou argumenta que o termo σωμα é usado pelo tradutor neotestamentário a partir de expressões semíticas que contêm em si um significado com igual amplitude semântica, pois σωμα diz-se de um organismo vivo integral e não apenas como a expressão σάρξ (carne); por isso, nas conotações redacionais neotestamentárias, bem como nos escritos gregos (as anáforas), aparece a palavra σωμα. Cf. Ibid. p. 161.

¹²⁴ Cf. Ibid. p. 161.

¹²⁵ Ibid. p. 160.

¹²⁶ Ibid. p. 175.

¹²⁷ A expressão αἷμα ἐκχύνειν, ou ἐκχεῖν (sangue derramado), no estudo de Giraudou, com a palavra αἷμα “sangue”, mais o constante particípio ἐκχύνειν, “que será derramado”, indicam “a pessoa (de Jesus), não estaticamente mas dinamicamente no ato de morrer”. Cf. Ibid.

¹²⁸ Cf. Lv 17, 4.

questão era dura¹²⁹, pois ao ouvirem Jesus dizer que aquele vinho era o seu sangue a ser derramado por muitos, de certa maneira poder-se-ia criar-lhes uma inquietação. Além disso, naturalmente vêm à mente deles a lei e a tradição que dizem sobre a proibição de ingerir sangue, quando Jesus deu a eles o cálice para beber¹³⁰. Nesse sentido, o que se passou naquele momento, quando Jesus deu o cálice e disse que ali estava o seu sangue, pode ter causado certo impacto nos discípulos, por conta do modo de pensar judaico com relação a beber sangue.

As palavras neotestamentárias da instituição têm como chave de leitura, reconhece Giraudo, a expressão αἷμα ἐκχυννόμενον (*sangue que será derramado*). Segundo o mesmo autor, a palavra αἷμα (*sangue*) mais a ocorrência do particípio ἐκχυννόμενον (*que será derramado*) “indicam a pessoa não estaticamente, mas dinamicamente no ato de morrer.”¹³¹ Considerando o ritual no cenáculo, a ação de Jesus aponta profeticamente a dinâmica sacrificial e, mais além, para o sacrifício vicário, o “sangue da aliança” ou a “aliança no sangue”¹³². Nesse sentido,

o fato de que nos relatos institucionais figure constantemente a expressão αἷμα ἐκχυννόμενον [sangue que-está-prestes-a-ser-derramado] diz que a morte de Cristo, como acontecerá fisicamente no dia seguinte sobre o Calvário e que pela mediação do sinal profético se cumpre realmente no cenáculo, é apresentada como a supressão violenta de uma vida.¹³³

O anúncio no cenáculo, por isso, realmente antecipa a morte vicária de Cristo na intenção de, por meio do sinal profético, “instituir a série das sucessivas reapresentações rituais”¹³⁴ nos altares da Igreja em todos os tempos.

A dimensão dos gestos e das palavras de Jesus no cenáculo conduz ao seu sacrifício na cruz. Cesare Giraudo faz com as palavras institucionais uma interessante paráfrase de forma poética, dramática e absolutamente contemporânea:

Retomai ritualmente o sinal do pão e do cálice que vos dei nesta vigília da minha paixão. Comei este pão e bebei este cálice que vos porão em

¹²⁹ Uma ligação com a descrença de alguns ex-discípulos que abandonaram o seguimento de Jesus por acharem que as palavras que o Mestre proferia, com relação ao discurso do “pão da vida”, eram inconcebíveis para a cabeça e o coração deles (Cf. Jo 6, 22-66).

¹³⁰ O Levítico 17 (Vayicrá) responde que “onde quer que habiteis, não comereis sangue, quer se trate de ave ou de gado. Todo aquele que comer qualquer sangue será eliminado do meio do seu povo” (Lv 7, 26-27; 17, 10-12). Deus ordenou a Moisés: “Sê firme, contudo, para não comeres o sangue, porque o sangue é a vida. Portanto, não comas a vida com a carne. Jamais o comerás! Derrama-o por terra como água” (Dt 12, 23-24).

¹³¹ Cf. GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. Op. cit. p. 175.

¹³² Nesse sentido, a tradição que estava presente na vida dos discípulos reporta ao sangue do Sinai, em que o sangue da vítima era aspergido em primeiro lugar sobre o altar, mediador simbólico da relação entre Deus e o povo. Depois o sangue da mesma vítima era aspergido sobre o povo. Disso resulta a compreensão de Giraudo quando diz que “em Israel o sangue é vida, de forma que compartilhar o mesmo sangue é compartilhar a mesma vida”. Cf. GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. Op. cit. p. 67.

¹³³ Ibid. p. 176.

¹³⁴ Ibid.

comunhão com o meu corpo que está para ser entregue e com o meu sangue que está para ser derramado amanhã no Calvário.¹³⁵

Nesse sentido, o sacrifício conduz a outra dimensão, a comensalidade, uma vez que envolve a vítima e os comensais em íntima união.

2. Comensalidade da vítima imolada

Participar do banquete eucarístico está na ordem do sacrifício¹³⁶, desse modo, a carta apostólica *Mane Nobiscum Domine* evidencia a dimensão do banquete na Eucaristia e ressalta o “sentido do convívio”, por ter-se originado justamente no contexto de ceia.¹³⁷ No Novo Testamento a dimensão comensal dos primeiros cristãos se expressa em torno da mesa da celebração, pois os celebrantes denominavam o banquete eucarístico como “fração do pão” (At 2, 42) e “Ceia do Senhor” (1Cor 11, 20).¹³⁸

O ato de comer, por sua vez, é um ato humano e a expressão “partir o pão”, que é própria da cultura judaica¹³⁹, representa o rito da refeição em família, na qual o pai dava graças a Deus pelo alimento em um ambiente típico humano, religioso e familiar ao mesmo tempo. Segundo Mateos, tal contexto estava presente durante a ceia e Jesus tornou-o seu, deixando-o para a Igreja como evento central a ser repetido.¹⁴⁰

Na liturgia da missa se encontram estas duas dimensões oriundas do cenáculo e que não sofreram descontinuidade desde os tempos apostólicos, a saber: o sacrifício e a refeição. Quanto ao sacrifício, no rastro da cultura judaica¹⁴¹, pode-se indagar até que ponto os

¹³⁵ GIRAUDO, Cesare. *Admiração eucarística*: para uma mistagogia da missa à luz da encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Loyola, 2008. p. 46.

¹³⁶ A comensalidade seguida ao sacrifício pode-se entender pela prática do sacrifício *Zebah S'lamim* (imolação festiva) da tradição de Israel pré-exílico e mesmo do II Templo, onde o abate de um animal se torna uma refeição consumida com Deus e com os comensais entre si (Cf. 1Sm 20, 6). São considerados sacrifícios de comunhão. Pode-se perceber essa dimensão comunitária em 1Sm 9, 13 e, sobretudo em Lv 3. Segundo Willi-Plein “um sacrifício *S'lamim* mesmo quando feito por iniciativa individual, tinha uma dimensão comunitária”. WILLI-PLEIN, Ina. *Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento*. Op. cit. p. 89.

¹³⁷ JOÃO PAULO II. *Mane Nobiscum Domine*. Carta apostólica. 2004. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 15.

¹³⁸ Cf. MATEOS, Manuel Díaz. *O sacramento do pão*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 105.

¹³⁹ Enfatiza DI SANTI que “o primeiro lugar sagrado da liturgia hebraica é a casa”. No santuário familiar – o pai é o sacerdote desse templo – a mesa de refeição era o altar, a refeição é encarada como rito sagrado e religioso por excelência. Havia também três principais celebrações: a cotidiana, ligada à refeição; a semanal, ligada ao *shabbat*, e a anual, ligada à festa de *pesah*. Cf. DI SANTI, Carmine. *Israel em oração*: as origens da liturgia cristã. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 158-159. Aos sábados a celebração estava em meio à refeição. Iniciava-se com a “fração do pão” e, ao término, com a oração de ação de graças. O culto realizado pelos primeiros cristãos estava impregnado da cultura judaica. Percebe-se isso, sobretudo, no sacrifício e na refeição. Outros elementos marcam bem as celebrações cristãs oriundas das sinagogas: leitura, comentários da escritura e orações. Cf. JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologia: diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995; I Apol. 1, 65.

¹⁴⁰ Cf. MATEOS, Manuel Díaz. *O sacramento do pão*. Op. cit. p. 105-106.

¹⁴¹ O sacrifício em Israel, sobretudo o de comunhão festiva (*Zebah S'lamim*), é aquele em que a vítima é abatida. O sacrifício é aceito e os fiéis comem as partes que ficam; assim participam vitalmente do sacrifício. Nesse sentido se reforça a comunhão entre o Senhor e a comunidade. Tillard vê a partir dos textos bíblicos que o sacrifício de comunhão é o mais completo. Cf. TILLARD, J. M. R. apud NADEAU, Marie-Thérèse. *Eucaristia*: memória e presença do Senhor. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 98.

primeiros cristãos podiam discernir essa dimensão na nova celebração eucarística¹⁴². Quanto à refeição, entretanto, ontem como hoje é mais tranqüilo o seu entendimento, pois percebe-se que ela é sustento e alegria, e traz, por sua vez, “os efeitos da restauração eucarística na vida cristã da alma”¹⁴³. É “remédio de imortalidade”, “antídoto para não morrer”, dizia fervorosamente Inácio de Antioquia¹⁴⁴.

A refeição comunitária propriamente judaica, que se vivenciava nos primórdios do cristianismo, perdeu espaço com a conformação do culto cristão. Passou para um segundo plano, por conta do crescimento da comunidade cristã, criando-se, assim, o ambiente favorável para destacar a Eucaristia como o “verdadeiro conteúdo da liturgia cristã”¹⁴⁵. Jungmann constrói uma interessante evolução da celebração eucarística durante o período apostólico, passando por Justino e Hipólito de Roma, em que se destaca o costume da refeição à mesa¹⁴⁶. O autor acentua o caráter de refeição comunitária nos princípios do cristianismo¹⁴⁷, porém com traços da cultura judaica, que ainda estava no consciente dos seguidores de Jesus que celebravam naquela época; no entanto, “o mais importante era a ação de graças após a mesa e o ‘cálice da bênção’ a ela vinculado”¹⁴⁸. Logo em seguida, desaparece a mesa das reuniões, mas permanece aquela em que o presidente profere a Eucaristia sobre o pão e o vinho¹⁴⁹.

O caráter sacrificial da Eucaristia naqueles primeiros momentos teve que se contrapor aos sacrifícios pagãos, e os apologistas da Eucaristia tiveram que deixar visível a diferença com o paganismo e a influência judaica nas celebrações, além de fortalecer o sentido da Ceia Eucarística cristã, uma vez que o seu sentido ainda era um pressuposto em seu caráter sacrificial¹⁵⁰. De todo modo, existia a consciência de que na celebração da ceia do Senhor subiam a Deus as orações de agradecimento da comunidade e a sua oferta¹⁵¹. Nesse sentido, a Eucaristia cresceu não apenas como oferta sacrificial, mas para “manifestar diante

¹⁴² Paulo ensina, num ambiente de confronto com o pensamento da cultura de Corinto e os banquetes sagrados dos pagãos, que a “ceia do Senhor” está num aspecto sacrificial. Os elementos apresentados, o “pão partido” e o “cálice da bênção”, estão em função direta com a “comunhão” no “corpo” e no “sangue” de Cristo. (1Cor 10, 15-21; 11, 23-25). Cf. S. Marsili. Et al. *A Eucaristia: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 10.

¹⁴³ COSTA, Valeriano Santos. *Celebrar a eucaristia: tempo de restaurar a vida*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 22.

¹⁴⁴ INÁCIO AOS EFÉSIOS. In: *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 20.

¹⁴⁵ Cf. JUNGMAN, J.A. *Missarum sollemnia: origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. 5.ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 34.

¹⁴⁶ Cf. Ibid. p. 39-45.

¹⁴⁷ Para Paulo a dimensão comensal é relevante. Para o apóstolo dos gentios, a comunhão fraterna, o *ágape*, na verdade se tornou um problema na comunidade de Corinto, pois se tornou causa de desunião entre os que tinham condição e os pobres. O apóstolo demonstra isso em 1 Cor 11, 17-22.

¹⁴⁸ ¹⁴⁸ Cf. JUNGMAN, J.A. *Missarum sollemnia*. Op. cit. p. 33.

¹⁴⁹ Cf. Ibid. p. 34.

¹⁵⁰ Cf. Ibid. p. 42.

¹⁵¹ Cf. Ibid. p. 43-44.

de Deus a entrega agradecida do coração da comunidade reunida em Cristo”¹⁵². O símbolo externo dessa entrega é o corpo do Senhor e seu sangue derramado¹⁵³. Jungmann ressalta, ainda, que em Filão de Alexandria a expressão *εὐχαριστία* não significava somente “ação de graças”, senão também “o sacrifício destinado a render graças”¹⁵⁴.

Segundo Aldazábal, “o gesto sacramental mais importante da comunidade cristã é o comer e o beber”¹⁵⁵. O ato de comer em honra de divindades também está presente em outras religiões; no entanto, para o cristão é extremamente relevante, uma vez que Cristo escolheu esse gesto como “o melhor símbolo da salvação que nos quer comunicar”¹⁵⁶. Jesus, não raramente, se sentava à mesa para comer com amigos: no caso de Lázaro (Lc 12, 1s); com um fariseu (Lc 14, 1); mas também com pecadores (Lc 5, 29-32); e a todos compartilhava a vida e sua palavra salvadora. Para os cristãos, celebrar a missa e participar da mesa da Eucaristia¹⁵⁷ adquire um sentido novo, pois Deus transmite o Dom por excelência, seu próprio Filho entregue a favor da humanidade. Fortalece-se o vínculo de comunhão com Cristo e com Deus por meio do banquete com o “pão e o vinho do Reino já iniciado sacramentalmente”¹⁵⁸.

Participar da ceia do Senhor não é apenas um benefício que se recebe individual e comunitariamente, sobretudo é o prazer que a Igreja tem em aceitar o mandato de Cristo (“Fazei isto em memória de mim”) e continuar a representá-lo no sacrifício no altar, para que ela viva de Jesus eucarístico e por Cristo seja nutrida e iluminada¹⁵⁹. É o desejo de Cristo, portanto, que os fiéis sejam alimentados com o seu corpo e saciados com o seu sangue. Compreende-se, então, que Jesus não permanece no altar, mas se faz sacrifício e alimento aos convivas na missa. Marie-Thérèse insiste, por isso, que a comunhão não é facultativa, mas uma necessidade para se colher a totalidade dos frutos da Eucaristia.¹⁶⁰

¹⁵² Ibid. p. 43.

¹⁵³ Cf. Ibid.

¹⁵⁴ Cf. Ibid. Nota 18. p. 43.

¹⁵⁵ ALDAZÁBAL, José. *Gestos e símbolos*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 219.

¹⁵⁶ Ibid.

¹⁵⁷ Comensais que se reúnem para compartilhar o banquete em uma mesa não buscam apenas satisfazer a fome de repor as energias pelo alimento. Reúnem-se para algo maior, em um ambiente festivo de comunicação interpessoal, de aliança e até de conversão. Cf. Ibid. p. 221.

¹⁵⁸ Ibid. p. 222.

¹⁵⁹ Cf. JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*. Carta Encíclica. Op. cit. p. 6.

¹⁶⁰ NADEAU, Marie-Thérèse. *Eucaristia: memória e presença do Senhor*. Op. cit. p. 97-100.

3. Ordem de interação: memorial¹⁶¹

O Santo Papa João Paulo II ensina que “o sacrifício de Cristo e o sacrifício da Eucaristia são um único sacrifício”¹⁶², porém é necessário precisar que a Eucaristia é, realmente, o memorial de um sacrifício¹⁶³, não sendo, categoricamente, uma reprodução nem uma multiplicação ao infinito do sacrifício de Cristo. Pelo contrário, tudo que esteve em Jesus, “a Encarnação, sua humilhação, seu serviço, sua instrução, sua paixão, seu sacrifício, sua ressurreição e ascensão ao enviar o Espírito, está presente na *anámnesis*”¹⁶⁴ e nos presenteia com a comunhão com Ele”.¹⁶⁵ O Cristo todo, portanto, que se ofereceu na cruz, instituiu o sinal vivo e eficaz do seu sacrifício e convidou toda a Igreja a participar desse mistério. Desse modo, com o ritual litúrgico da Eucaristia, a assembleia “expressa o que ele mandou fazer todas as vezes que comemos do pão e bebemos do vinho eucaristizados”¹⁶⁶.

Jesus desejou a repetição de suas palavras e dos gestos que fez naquela noite durante a ceia pascal e, por isso, os apóstolos e seus discípulos, bem como toda a Igreja, ao cumprir o mandato do Mestre, têm a possibilidade de colher os efeitos do sacrifício oferecido por Ele.¹⁶⁷ De fato, somente em Paulo e em Lucas encontra-se esse convite¹⁶⁸. Por isso, somente os dois apresentam nos textos as palavras de Jesus, “fazei isto em memória de mim”, e conectam o celebrante à dimensão do memorial.

E, na medida em que se aprofunda o significado de memorial, inevitavelmente são acentuados três aspectos sacramentais – estes necessariamente estão na Eucaristia – definidos por Tomaz de Aquino: “o sacramento é, pois, sinal rememorativo do que o precedeu, a paixão de Cristo; demonstrativo do efeito da paixão de Cristo em nós, a vida da graça; prognóstico ou prenunciador da glória futura”¹⁶⁹.

¹⁶¹ O termo “memorial” nasce da palavra hebraica זִכָּרוֹן *zikkaron* no contexto de Ex 12, 14. A compreensão do memorial, a partir da cultura judaica e da literatura rabínica, fica nítida. Na dinâmica da ceia pascal são os comensais que estão presentes ao evento salvífico vivido pelos pais, mediante os sinais sacramentais. Os elementos que compõem a ceia são aqueles que os antepassados comeram: o cordeiro que está à mesa é aquele cordeiro; o pão que é elevado na travessa é aquele pão, único e irrepetível. Enfim, participar da ceia é ter parte naquela morte que de uma vez por todas deu vida ao povo israelita. Para uma explicação bem fundamentada conferir em GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. Op. cit. p. 111-115. “Memorial” não se caracteriza por uma piedosa lembrança do passado feita no pensamento, mas por uma “realidade objetiva”, diz Nadeau, em que o fiel comunga com o acontecimento do passado. Visa, por sua vez, a atualizar os acontecimentos do passado, nos quais Deus se lembra, Ele age e faz o “dinamismo original” se manifestar de novo. Cf. NADEAU, Marie-Thérèse. *Eucaristia*: memória e presença do Senhor. Op. cit. p. 42-44.

¹⁶² O Papa formata seu ensino, no aspecto da unicidade do sacrifício de Cristo, com o CIC n° 1367 e com o pensamento de São João Crisóstomo. Cf. JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*. Op. cit. p. 12.

¹⁶³ Cf. NADEAU, Marie-Thérèse. *Eucaristia*: memória e presença do Senhor. Op. cit. p. 55.

¹⁶⁴ *Anámnesis* é o termo grego para *zikkaron* e que o autor sagrado colocou na boca de Jesus nos Evangelhos.

¹⁶⁵ FABER, Eva-Maria. *Doutrina católica dos sacramentos*. São Paulo: Loyola, 2008. p. 150.

¹⁶⁶ TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor*: ensaios litúrgico-teológicos sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2009. p. 66.

¹⁶⁷ Cf. Ibid. p. 25.

¹⁶⁸ Lc 22, 14-20; 1 Cor 11, 23-26.

¹⁶⁹ TOMAZ DE AQUINO. Suma Teológica. S. Th. III, q. 60, a. 3. In: NADEAU, Marie-Thérèse. *Eucaristia*: memória e presença do Senhor. Op. cit. p. 52.

Correlato ao pensamento tomista, Marie-Thérèse¹⁷⁰ também apresenta três aspectos do memorial do sacrifício de Cristo: “representação ativa”, que faz comungar com os acontecimentos do passado, o êxodo e a ceia pascal de Cristo; “compromisso vivencial”, ao ajustarem-se as vidas ao que Jesus fez com a vida dele, de modo que a humanidade se torne aquilo que recebeu¹⁷¹. Por fim, à dimensão “escatológica”, a dimensão da esperança, que acarreta a expectativa na vinda definitiva de Cristo – até que a Páscoa se cumpra no Reino de Deus¹⁷² – quando se dará a promessa de sua vinda gloriosa. Celebrar, portanto, o memorial do sacrifício de Jesus implica a vida cristã. Nos sinais do pão e do vinho entregues por Jesus, experimenta-se hoje o efeito redentor da morte e ressurreição do Senhor¹⁷³.

Sobre as espécies sacramentais são pronunciadas as palavras do memorial da ação de graças e, nelas, feita a súplica pela vinda do Espírito Santo, transportando-se ao evento irrepetível¹⁷⁴. A partir do “realismo salvífico do memorial”, que se vivencia com o altar, é possível reconhecer a Eucaristia como sacrifício.¹⁷⁵ Por outro lado, se se compreenderem as palavras da instituição de Jesus e a reiteração diante dos altares do mundo apenas como uma oração de louvor e ação de graças, não se faz possível compreender a “entrega de Jesus de Si mesmo, com todo o Seu ser, com tudo que Ele é, alma e corpo, ao Pai”¹⁷⁶.

Thanner argumenta que, ao fazer-se o que Jesus mandou, não se eleva apenas uma oração ao Pai, não é apenas louvor. Segundo o autor, não haveria um sacrifício em seu sentido próprio e estrito. No sacrifício, para ter sentido estrito, o dom ofertado deve ser substancial¹⁷⁷. A presença plena de Cristo na Eucaristia é a pessoa dele que se entrega pelo homem. “Ele mesmo é o sacrifício, e a páscoa não é um fato passado, de cujas consequências salvíficas se vive. Ele é a páscoa”¹⁷⁸.

Não se pode ter uma visão reducionista, no entanto, com relação à presença de Cristo na Eucaristia a ponto de tentar enxergá-lo preso aos limites da hóstia. Evidentemente não é assim que a dinâmica da presença de Cristo e o seu sacrifício se expressam no altar. O evento do Gólgota e do túmulo vazio são únicos e irrepetíveis, todavia a presença de Cristo é real. O magistério da Igreja define que Jesus instituiu na última ceia o sacrifício eucarístico do seu corpo e do seu sangue para que se perpetuassem no decorrer dos séculos. Define também que

¹⁷⁰ Cf. NADEAU, Marie-Thérèse. *Eucaristia: memória e presença do Senhor*. Op. cit. p. 41-53.

¹⁷¹ SANTO AGOSTINHO. Sermão 229, 1. Disponível em: http://www.augustinus.it/latino/discorsi/discorso_302_testo.htm. Acessado em: 09 de janeiro de 2016.

¹⁷² Cf. Lc 22, 16.

¹⁷³ TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos sobre a Eucaristia*. Op. cit. p. 74.

¹⁷⁴ Cf. Ibid.

¹⁷⁵ Cf. Ibid. p. 75.

¹⁷⁶ THANNER, Natanael, ocr. O significado da Oração eucarística: a Eucaristia em sua dimensão sacrificial. *Sapientia crucis* – Revista filosófico-teológica do Institutum Sapientiae, Anápolis, n. 7, p. 121, 2006.

¹⁷⁷ Ibid.

¹⁷⁸ ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 354.

na Liturgia, por meio do sacrifício da eucaristia, dá-se “a obra da nossa redenção”¹⁷⁹. Falar de sacrifício na missa, porém, não é voltar aos sacrifícios do Antigo Testamento, com as suas diversas práticas e exigências rituais. O sacrifício no altar não é mais um ao lado da cruz, insiste Thanner¹⁸⁰.

Aldazábal¹⁸¹ coloca algumas indagações que instigam a curiosidade sobre como o sacrifício na cruz, o único acontecimento histórico, o único sacrifício perfeito, pode ser tão contemporâneo; pode, além disso, estar presente no sacramento e ser representado na Eucaristia como sacrifício no sentido verdadeiro e próprio da palavra¹⁸². A chave dessa dificuldade para melhor entendimento se encontra, segundo o pensamento de Thanner, na sacramentalidade¹⁸³.

4. O sacrifício eucarístico é um sacrifício sacramental

Para se entender como o sacrifício de Cristo que aconteceu no passado é reapresentado na missa de hoje é preciso um conceito que defina a presença de Jesus na celebração eucarística e conecte o celebrante à presença da ação sacrificial de Jesus, enquanto evento salvífico, de modo que possa enxergar que o “sacrifício na última ceia era tal por referência ao Gólgota, do qual é uma antecipação sacramental”; e o “sacrifício da missa é tal em referência ao Gólgota, do qual é uma atualização incruenta”¹⁸⁴. Por isso, o que se celebra hoje como único sacrifício perfeito de louvor, ação de graças e expiação, é a presença do sacrifício da cruz.

Se na celebração litúrgica está a presença substancial de Cristo na Eucaristia, isso implica que existe a presença de sua ação sacrificial “num modo que transcende o espaço e o tempo”¹⁸⁵. Nesse sentido, tudo que fez Jesus em vida e pelo que morreu “continua a exercer influxo de causalidade eficiente instrumental sobre todas as graças por meio das quais a salvação é aplicada aos homens em todos os lugares e em todos os tempos”¹⁸⁶; por isso são

¹⁷⁹ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. Op. cit. 2. 47.

¹⁸⁰ Cf. THANNER, Natanael, ocr. O único sacrifício perfeito: sua representação e oferta sacramental. In: *Sapientia crucis* – Revista filosófico-teológica do Institutum Sapientiae, Anápolis, n. 5, p. 134-135, 2004.

¹⁸¹ ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2010. Op. cit. p. 350.

¹⁸² Cf. CONCÍLIO DE TRENTO (DS 1751). DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*/Heinrich Denzinger. São Paulo: Loyola, 2007. p. 449.

¹⁸³ Cf. THANNER, Natanael, ocr. O “único sacrifício perfeito: sua representação e oferta sacramental. Op. cit. p. 135-139.

¹⁸⁴ Cf. VAGAGGINI, Cipriano, OSB Cam. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 150. Segundo esse autor, o sacrifício no Gólgota e o sacrifício do altar em nada diferem quanto ao aspecto formal, ou seja, Cristo glorioso “se encontra sempre na disposição de ânimo numericamente idêntica àquela que constituiu formalmente o seu sacrifício de cruz e se tornou nele, enfim, eterna com a passagem à outra vida”. Quanto ao aspecto material eles diferem. O sacrifício de Cristo sobre a cruz teve efeito cruento, assim querido pelo Pai; no entanto, a “continuação dessa oferta que acontece no céu e na missa não possui tal efeito porque o Pai não o quer”.

¹⁸⁵ Ibid. p. 115.

¹⁸⁶ Ibid. p. 116.

pertinentes as palavras de Pedro Fernández quando diz: “a realidade de um sacramento brota, pois, do Verbo no contexto da Igreja”¹⁸⁷.

No entanto, pelo fato da presença real de Cristo na Liturgia¹⁸⁸, não quer dizer um novo sacrifício a cada missa, mas que o mesmo e definitivo sacrifício na cruz é atualizado sacramentalmente¹⁸⁹. Com efeito, o que estabelece a unicidade do sacrifício na cruz e no altar é a noção de sinal, que Agostinho chama de “*sacrum signum*” (sinal sagrado)¹⁹⁰.

De acordo com o Documento de Lima, do Conselho Mundial de Igrejas (1982), “A Eucaristia é o memorial de Cristo crucificado e ressuscitado, isto é, o sinal vivo e eficaz do seu sacrifício, cumprido de uma vez por todas sobre a cruz, e continuamente agindo em favor de toda a humanidade”¹⁹¹. É necessário, por isso, que haja uma identificação entre a ação sacramental e o sacrifício na cruz¹⁹²; no entanto, “é um só e mesmo mistério de salvação que está agindo”¹⁹³.

A realidade significada, insiste Thanner, não é multiplicada. Por outro lado, o evento não é estanque ao passado, uma vez que com sua morte Jesus destruiu a morte; e tudo que ele viveu e fez participa da eternidade divina, por isso transcende todos os tempos. Thanner afirma que “o sacrifício de Cristo consuma-se, portanto, no santuário celeste; pela Sua morte, Jesus deixa este mundo com seus limites de tempo e espaço e entra na eternidade”¹⁹⁴. Com efeito, conclui o autor, se o sacrifício de Cristo ficasse apenas na esfera terrena, seria algo do passado, não subsistiria, ficaria recolhido à História Antiga¹⁹⁵.

Nos sacramentos Cristo é a causa instrumental da ação divina¹⁹⁶, ou seja, nos sacramentos está toda a vida de Jesus; por isso Deus, como agente principal, age sobre a humanidade, salvando-a através de Cristo como causa instrumental¹⁹⁷. Desse modo, pelos sacramentos, que são ações de Cristo e da Igreja, é conferida ao homem a graça sacramental.

¹⁸⁷ RODRÍGUEZ. Pedro Fernández, OP. *A las fuentes de La sacramentología Cristiana: la humanidad de Cristo en La Iglesia*. Salamanca: San Esteban, 2004. p. 284.

¹⁸⁸ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Op. cit. 7.

¹⁸⁹ Quanto ao corpo entregue, vide p. 19 acima.

¹⁹⁰ Santo Agostinho diz que uma coisa é a realidade corporal que se vê e outra coisa, o fruto espiritual que não se vê. AGOSTINHO. *De civitate Dei*. 10, 5. In: BOROBIO, Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja I: liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 317.

¹⁹¹ CERETI, G., VOICU, S. J. (ed.): *Enchiridion Oecumenicum. Documenti Del dialogo teológico interconfessionali*. In: TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos sobre a Eucaristia*. Op. cit. p. 77.

¹⁹² Cf. THANNER, Natanael, ocr. O único sacrifício perfeito: sua representação e oferta sacramental. Op. cit. p. 138.

¹⁹³ Ibid. p. 139.

¹⁹⁴ Ibid. p. 141.

¹⁹⁵ Cf. Ibid. p. 142.

¹⁹⁶ Cf. THANNER, Natanael, ocr. O único sacrifício perfeito: sua representação e oferta sacramental. Op. cit. p. 150-158.

¹⁹⁷ Cf. Ibid. p. 150

No sacrifício eucarístico, contudo, a presença de Cristo é específica, argumenta Thanner. Segundo o autor, na Eucaristia, diferentemente do que acontece nos outros seis sacramentos, o efeito se dá no pão e no vinho consagrados, pela presença substancial de Jesus sob as aparências das espécies eucarísticas. “Jesus mesmo está presente com a totalidade do Seu ser (como homem e Deus)”¹⁹⁸. É a “*res et sacramentum*”¹⁹⁹ da Eucaristia, na qual Cristo se faz presença substancial sob os sinais sacramentais e através deles, como vítima do sacrifício na cruz²⁰⁰.

Ao celebrar-se a liturgia da missa, torna-se presente, sacramentalmente, o sacrifício de Cristo na cruz, que é o “ápice absoluto do culto prestado a Deus e fonte de todas as graças”²⁰¹. Ainda que se tenha, no entanto, os olhos fixos no altar de hoje – e ali Cristo se oferece sacramentalmente em sacrifício na cruz²⁰² – não se pode perder de vista que, além de realizar-se a experiência de uma presença sacramental no sacrifício na cruz²⁰³, a celebração é a “reapresentação humana ao sacrifício na cruz”²⁰⁴. Nesse sentido, enfatiza Giraudo, “mediante a dinâmica sacramental, realmente move-se para ser salvificamente reapresentado”²⁰⁵ ao sacrifício único de Cristo; ou seja, a noção de memorial tem em si um “denso valor dinâmico-sacramental, uma vez que refere a comunidade ritual à eficácia salvífica do evento fundador”²⁰⁶. A participação na celebração não pode ser passiva ou apática por isso.

Nessa perspectiva, é impossível não se envolver com a dinâmica litúrgica do memorial do sacrifício na cruz. Isso implica a vida da Igreja decisivamente desde a instituição da Eucaristia no cenáculo. Faz-se necessário, assim, acontecer na missa e na comunidade a relação entre cruz e vida, no sentido de seguimento de Cristo. Ele convida a humanidade a segui-lo e a imitá-lo, a fim de que se ofereça – como membro do corpo de Cristo – também um sacrifício a Deus.

¹⁹⁸ Ibid. p. 156.

¹⁹⁹ Segundo Thanner, a “*Res et sacramentum*” da Eucaristia é um efeito direto no pão e vinho consagrados. Cf. Id. p. 156.

²⁰⁰ Cf. Ibid.

²⁰¹ Cf. Ibid. p. 169.

²⁰² Cf. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. Op. cit. 47.

²⁰³ O Concílio Tridentino ensina que o Senhor instituiu o sacramento do seu corpo e do seu sangue para “deixar à Igreja, sua dileta esposa, um sacrifício visível (como a natureza humana exige), pelo qual fosse tornado presente (reapresentado) aquele sacrifício cruento que se devia realizar de uma vez por todas na cruz”. CONCÍLIO DE TRENTO (DS 1740). DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*/Heinrich Denzinger. Op. cit. p. 446.

²⁰⁴ Ibid. p. 49.

²⁰⁵ GIRAUDO, Cesare. *Admiração eucarística*: para uma mistagogia da missa à luz da encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. Op. cit. p. 49.

²⁰⁶ Ibid. p. 48.

CAPÍTULO III

O SACRIFÍCIO EUCARÍSTICO É TAMBÉM O SACRIFÍCIO DA IGREJA

Os sacrifícios no templo cumpriram o seu papel na história, porém de forma imperfeita, pois não garantiram a salvação plena aos homens. Não podem ser desprezados, no entanto, uma vez que foram aceitos por Deus.

Desde o pecado de Adão os sacrifícios oferecidos “não foram e não são tais senão por referência ao sacerdócio e ao sacrifício de Cristo sobre o Gólgota”²⁰⁷. Os sacrifícios verotestamentários, portanto, cumpriram o seu papel, porém tinham o seu referencial na cruz de Jesus, uma relação intrínseca com o sacrifício de Cristo²⁰⁸. Por sua vez, o Gólgota é o “ponto analógico principal”, diz Vagaggini²⁰⁹, uma vez que o sacrifício celebrado pelos cristãos, tanto ontem como hoje, deriva do sacrifício na cruz que em Cristo se realizou em primeiro lugar.

Segundo a lógica da teologia litúrgica de Vagaggini, o sacrifício que na missa é realizado “está todo em referência ao sacrifício de Cristo no Gólgota”²¹⁰, e ele também é o referencial para os sacrifícios dos fiéis em suas vidas, seja na virgindade, no martírio, na busca pela santidade, etc. Nesse sentido, os fiéis, por seu caráter batismal, na dependência com o sacerdócio hierárquico e em união com Jesus, podem encarar como seu o sacrifício de Cristo, que é ofertado pelo sacerdote, oferecendo-se a si mesmos no exercício do sacerdócio comum aos fiéis. Com efeito, a vida do homem em sacrifício “é matéria real intrínseca total e primária do sacrifício a Deus”²¹¹. Conclui Vagaggini que “se o fiel na missa excluísse completamente essa oferta total de si mesmo, não participaria de nenhum modo da missa, dela não faria de nenhum modo o seu sacrifício”²¹².

É fundamental, então, para uma celebração fecunda, que o povo compreenda o valor da oferta de si mesmo²¹³ – a Igreja, por sua vez, também é vítima, com Cristo, da dinâmica sacrificial eucarística – pois só assim os fiéis que caminham neste mundo podem ter uma participação consciente, piedosa e atuante na celebração do sacrifício eucarístico, respondendo como se deve ao mistério celebrado na comunidade e na sociedade²¹⁴. O cristão expressa, assim, tomando parte no corpo místico de Cristo, o sacerdócio comum aos fiéis, o que, de certa forma, contribui para a missão da Igreja confiada por Jesus.

²⁰⁷ VAGAGGINI, Cipriano, OSB Cam. *O sentido teológico da liturgia*. Op. cit. p. 151.

²⁰⁸ Ibid. p. 151.

²⁰⁹ Ibid. p. 151.

²¹⁰ Ibid. p. 151.

²¹¹ Ibid. p. 153.

²¹² Ibid. p. 153.

²¹³ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Op. cit. p. 48.

²¹⁴ Cf. Ibid. p. 11 e p. 48.

1. Sacrifício: uma questão pastoral

O sacrifício de Cristo na cruz é o ato supremo de amor que permanece e não está circunscrito ao tempo. É eficaz desde então e diz respeito a todos os homens. Tal realidade, portanto, está “destinada a tornar-se o ponto de encontro e de comunhão entre todos os membros deste corpo imenso que é a humanidade”²¹⁵; por isso, a relação afetiva de cada fiel com o sacrifício na missa exige dele abrir-se à comunhão com Jesus em seu sacrifício, pois essa comunhão, que na liturgia se torna mais contundente, é o que forma o corpo místico de Cristo²¹⁶.

A via eficaz do mistério sacrificial de Cristo que se celebra na missa passa pela liturgia. Ela “é o cimo para o qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força”²¹⁷. Ela impulsiona a Igreja para atrair todas as pessoas, uma vez que Cristo mesmo deu o mandato de continuar, por meio da liturgia, o processo de salvação²¹⁸. A liturgia, portanto, tem como objetivo atingir o coração do povo cristão. Com palavras incisivas, diz Vagaggini que a “Igreja tem o dever de conduzir e conservar em Cristo todo indivíduo humano”²¹⁹. Para isso, a liturgia deve estar em sintonia com a pastoral²²⁰, sendo a sua finalidade, insiste Vagaggini, “conduzir e conservar o povo em Cristo e Cristo no povo”. O autor conclui que quando a pastoral for centrada na liturgia, ou for uma “pastoral litúrgica”²²¹, o fim desta será dinamizar o encontro entre o povo e Cristo²²².

É importante tal compreensão da pastoral na liturgia eucarística, uma vez que o centro da liturgia é o sacrifício de Cristo, e esse mistério celebrado deve atingir os fiéis “para que exprimam em suas vidas [...] o mistério de Cristo”²²³ por meio de outros homens, que são os “pastores sob o Pastor Supremo”²²⁴.

Desde o concílio Vaticano II, a assembleia está incorporada à liturgia²²⁵, e ela é integrante de uma dinâmica celebrativa na qual se exige uma pastoral litúrgica que promova e ressoe na vida pessoal e comunitária o mistério da fé que se celebra, em vista, sobretudo, do povo de Deus, que, reunido em nome da Santíssima Trindade, frutifique a graça recebida.

²¹⁵ Cf. PADOIN, Giacinto. *O pão que eu darei: o sacramento da Eucaristia*. Op. cit. p. 239.

²¹⁶ Cf. Ibid. p. 239-240.

²¹⁷ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Op. cit. p. 10.

²¹⁸ Cf. COSTA, Valeriano Santos. *Noções teológicas de liturgia*. São Paulo: Ave-Maria, 2012. p. 11.

²¹⁹ VAGAGGINI, Cipriano, OSB Cam. *O sentido teológico da liturgia*. Op. cit. p. 688.

²²⁰ Ibid. p. 712.

²²¹ Pastoral litúrgica na ótica de Julián López é a ação que tende a que o povo participe “ativa e conscientemente na celebração do culto de modo que encontre na mesma fonte o verdadeiro espírito cristão”. E diz, ainda, que é “a ciência e a arte de transformar os sinais do culto cristão o mais possível comunicativos”, para favorecer a participação. Cf. LÓPEZ MARTÍN, Julián. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 498-499.

²²² Cf. VAGAGGINI, Cipriano, OSB Cam. *O sentido teológico da liturgia*. Op. cit. p. 712.

²²³ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Op. cit. p. 2.

²²⁴ VAGAGGINI, Cipriano, OSB Cam. *O sentido teológico da liturgia*. Op. cit. p. 686.

²²⁵ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. 27. 30.

Toda celebração litúrgica é, segundo Brighenti, em certa medida, “pastoral litúrgica”²²⁶. A pastoral litúrgica tende nesta direção, ou seja, atingir todo povo celebrante em uma relação comunitária de pertença a todo um corpo que se entrega em sacrifício. Nesse sentido, a assembleia deve se conformar às ações de todo um corpo místico – cabeça e membros – e responder à ação litúrgica na comunidade e na sociedade. A pastoral litúrgica, por isso, faz a dinâmica da missa atingir o povo e faz com que o fato histórico que se celebra pela fé transforme a assembleia celebrante em missionária e testemunha das ações de Cristo no mundo. Essa é a razão pela qual o mistério celebrado exige a “ação pastoral da assembleia celebrante”²²⁷. Com esse objetivo, insiste Brighenti, “se o ato litúrgico não se prolonga na vida cotidiana, nas esferas pessoal, comunitária e social, não passa de um ato vazio”²²⁸.

Participar do sacrifício de Cristo é a base do sacrifício da vida cristã. Esta é a chave que abre o caminho de atuação de todo fiel que se deixa contagiar consciente e decisivamente pela pastoral litúrgica. O tesouro que se recebe na missa, por sua vez, faz da comunidade orante, ao proclamar a Oração Eucarística III, por exemplo, e suplicar ao Espírito Santo que faça dela, associada ao sacrifício de Cristo, uma oferenda perfeita²²⁹. Além disso, faz ainda gerar mostras do quão se encontra em afinidade com o sacrifício de Cristo.

A ação litúrgica, portanto, realizada pelo Mestre Jesus – ao mesmo tempo vítima e sacerdote – inspira, motiva e impulsiona o povo celebrante a ganhar o mundo²³⁰ e a fazer de si, igualmente a Cristo, uma oferenda agradável a Deus. Paulo, por isso, com a força exortativa de sua carta aos romanos, pede às comunidades que ofereçam os próprios corpos como “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”²³¹, levando ao melhor termo a expressão “Sacerdócio Comum dos Fiéis”²³².

2. Sacerdócio universal

O sacrifício que é celebrado na missa, por várias razões, carece de uma maior compreensão de determinada parcela dos cristãos. Ademais, surge outra questão: o mundo não se interessa por sacrifícios. Na sociedade existem realidades evidentes que têm grande força, como o hedonismo, o indiferentismo e o relativismo, que insistem em dominar o homem e conduzi-lo

²²⁶ BRIGHENTI. Angenor. *A pastoral dá o que pensar: manual básico de teologia pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 109.

²²⁷ Ibid.

²²⁸ Ibid.

²²⁹ MISSAL ROMANO. 2ª edição típica. Op. cit. p. 478.

²³⁰ Essa é a perspectiva que a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe recorda a todos os fiéis do continente que, “em virtude de seu batismo, são chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo”. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 12.

²³¹ Rm 12, 1. Cf. Ibid. p. 70.

²³² Expressão cunhada na LG 10 e, como orientação litúrgica, na SC 48.

em um caminho de prazer imediato e de ilusão de felicidade baseada no consumismo, cujo efeito consiste em obscurecer e cobrir com o seu véu os valores e os bons costumes religiosos.

Por outro lado, existem os sacrifícios que produzem frutos para a vida e vida em abundância. São os que a Igreja celebra – o sacrifício de Cristo e os da comunidade – que fazem com que o homem se aproxime mais de Deus e do outro. São realidades vitais que Cristo oferece e, segundo a Conferência de Aparecida, quer ensinar e convida a “ampliar nossos horizontes e a reconhecer que abraçando a cruz cotidiana entramos nas dimensões mais profundas da existência”²³³.

A missa, portanto, é o momento privilegiado em que o cristão pode elevar ao Pai aquilo que de melhor faz à comunidade, ou seja, quando sai de si mesmo e tem como ponto de referência o outro. Com efeito, é uma abertura de encontro com Deus que faz no fiel o espaço de graça. O sacrifício de si mesmo ao irmão é prova de amor e, mais ainda, encontro com Deus, que é amor²³⁴.

Oferecer sacrifício é atribuição dos sacerdotes, mas a qual sacerdote pode-se atribuir os sacrifícios celebrados na liturgia da missa? Essa questão é bem refletida por Valeriano Costa, quando refere a comunidade cristã a um “organismo sacerdotal em que cada membro dela é, pessoalmente, sacerdote”²³⁵. Nesse ponto da pesquisa, entretanto, a intenção é um olhar breve sobre o sacerdócio comum aos fiéis, mas destacar a sua importância no dia-a-dia, como tradução da vida cristã.

Se o cristão se reúne em assembleia para celebrar o sacrifício de Cristo, único e verdadeiro, e em Cristo ele é inserido como membro do Corpo Místico, então os seus sacrifícios – existenciais na vida e os que são oferecidos no ritual litúrgico – caracterizam-no como vítima na Única Vítima e como sacerdote no Único Sacerdote, que é Cristo, o Senhor. Por essa razão, pode-se extrair do Concílio Vaticano II um precioso e sólido ensinamento do Magistério da Igreja:

Cristo Senhor [...] fez do novo povo ‘um reino de sacerdotes para Deus, seu Pai’. Com efeito, pela regeneração e unção do Espírito Santo, os batizados são consagrados para serem edifício espiritual e sacerdócio santo, a fim de, por todas as obras do cristão, oferecerem sacrifícios espirituais e proclamarem as grandezas que das trevas os chamaram para a luz maravilhosa. Assim, todos os discípulos de Cristo, perseverando juntos na oração e no louvor de Deus, ofereçam-se a si mesmos como hóstias vivas, santas, agradáveis a Deus.²³⁶

²³³ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Op. cit. p. 164.

²³⁴ Cf. BOROBIO. Dionísio. *Celebrar para viver: liturgia e sacramentos da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 266.

²³⁵ COSTA, Valeriano dos Santos. Sacerdócio real: promessa e profecia. In: *Estudos teológicos*. São Leopoldo, v. 54, n. 2, p. 284-297, jul/dez. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.est.edu.br/index.indez.php/estudos_teologicos/article/view/1132/2251>. Acesso em: 9 fev. 2016.

²³⁶ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 10.

A condição do sacerdócio universal dos cristãos não está ligada a uma classe ou elite sacerdotal, mas a todo batizado. Toda comunidade dos batizados, portanto, compõe um “organismo sacerdotal” que tem como base, justamente, o sacerdócio universal de todos os fiéis²³⁷. É fundamental para a Igreja entender essa realidade universal do sacerdócio cristão para a missão que ela recebeu de Cristo, uma vez que o “sacerdócio batismal faz de cada cristão um discípulo de Cristo e um missionário por natureza”²³⁸.

Está intrínseca à Igreja desde o cristianismo nascente a participação do povo fiel nas celebrações eucarísticas, pois o próprio “Cristo associou a si todo e qualquer discípulo, homem ou mulher”²³⁹. Nenhum cristão pode ficar fora da realidade celebrativa da missa, fora do sacrifício no altar, porque, segundo Valeriano Costa, “o sujeito do sacrifício eucarístico é toda a assembleia em oração, pois toda celebração litúrgica é obra de Cristo sacerdote e de seu corpo, a Igreja”²⁴⁰. A comunidade sacerdotal, portanto – que celebra e exercita o sacerdócio universal, seja na vida ou no rito litúrgico – é a chave para uma articulada atuação da Igreja no mundo²⁴¹.

Cabe aqui, porém, uma advertência: entender o sacerdócio universal dos fiéis apenas como o momento de elevar as orações aos irmãos no culto, ou caracterizar a dimensão sacerdotal na celebração, por exemplo, quando se faz a anamnese²⁴² da Oração Eucarística II, esconde a mais importante responsabilidade do sacerdócio comum aos fiéis: a realidade existencial da vida cristã no mundo. Segundo Francisco Taborda, “o sacrifício do cristão é a própria conduta de vida dirigida pelo Espírito de Cristo no seguir Jesus”²⁴³; ou seja, o

verdadeiro sacrifício é o ‘sacrifício da fé’, o amor ao próximo que se manifesta na ajuda material, a vida cristã moldada segundo a vontade de Deus, o louvor de Deus e o amor operante, [...] numa palavra: andar no amor, seguindo a Jesus.²⁴⁴

Entende-se, com isso, que o texto clássico da carta de Pedro sobre o sacerdócio admoesta a todos os cristãos, “pedras vivas” (1Pd 2, 5), a exercerem o seu sacerdócio universal e oferecerem “sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo”²⁴⁵, contribuindo decisivamente na edificação do reino de Deus.

²³⁷ COSTA, Valeriano dos Santos. *Sacerdócio real: promessa e profecia*. Op. cit. p. 284.

²³⁸ Ibid.

²³⁹ Ibid. p. 285.

²⁴⁰ Ibid. p. 294.

²⁴¹ Cf. Ibidem. p. 285.

²⁴² “Celebramos, pois, a memória da morte e ressurreição do vosso Filho, nós vos oferecemos, ó Pai, o pão da vida e o cálice da salvação; e vos agradecemos porque nos tornastes dignos de estar aqui e vos servir”. Cf. MISSAL ROMANO. 2ª edição típica. São Paulo: Paulus, 1992. Op. cit. p. 480.

²⁴³ TABORDA, Francisco. *Nas fontes da vida cristã: uma teologia do batismo-crisma*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 238.

²⁴⁴ Ibid.

²⁴⁵ 1Pd 2, 5.

3. Sacrifício agradável a Deus: da celebração à vida

Uma maneira de expressar simbolicamente a entrega pessoal do cristão e da humanidade, juntamente com Cristo, no sacrifício no altar é o simples gesto de derramar umas pequenas gotas d'água no cálice que será ofertado. Essa imagem exprime – liturgicamente – os “sacrifícios espirituais”²⁴⁶ da humanidade, de forma que é Cristo quem recolhe no Espírito Santo os sacrifícios dos homens e os transforma em “hóstias vivas” (Rm 12, 1), para oferecer sacrifício espiritual agradável a Deus.²⁴⁷

Giacinto Padoin associa o sacrifício de Cristo aos sacrifícios dos homens para que a Eucaristia seja verdadeira. Os sacrifícios que os cristãos oferecem na liturgia podem ser identificados, sobretudo, com os sacrifícios cotidianos da vida concreta humana²⁴⁸: aquilo que pesa nos ombros das pessoas, aquilo que faz derramar lágrimas e suor em prol do irmão nas diversas realidades pessoais e que é simbolicamente colocado no cálice em forma de gota de água²⁴⁹.

O autor diz que todas as cruces humanas, o fardo de doar-se ao outro, encontram uma resposta se forem vividas com fé no Senhor. Pela fé, o fato de celebrar o sacrifício de Cristo, que se entregou à cruz, faz também com que aqueles sacrifícios que o fiel oferece tenham sentido e tornem-se semente para uma vida nova. É preciso, então, não perder de vista que na celebração se faz um encontro vivo com o mistério, “a experiência pessoal e comunitária do dom divino”²⁵⁰. O envolvimento pessoal com a ação santificante na celebração eucarística – em que vai tomando consistência o poder de transformar e libertar o íntimo do homem – pede, por isso, uma resposta da parte de cada um dos fiéis batizados²⁵¹.

Na liturgia a resposta à experiência do sacrifício é a entrega pessoal por inteiro, instiga L. Maldonado; é o “vivenciar a fé e o mistério cristão não só com a mente ou com a inteligência, mas com o coração, centralizando e unificando de maneira definitiva todos os recursos e dimensões – externos e internos – da pessoa do fiel”²⁵². E a dinâmica litúrgica, diz o autor,

²⁴⁶ PADOIN, Giacinto. *O pão que eu darei: o sacramento da Eucaristia*. Op. cit. p. 245.

²⁴⁷ Cf. Ibid. A expressão “hóstia”, por se referir à vítima que é sacrificada, pode ser interpretada como morte do cristão, no entanto, segundo Bento XVI, o conceito de sacrifício, seguido ao “ofereçais vossos corpos”, assume a tonalidade cultural de dar em oblação, oferecer, uma relação com a vida do cristão voltada ao outro. Cf. BENTO XVI. Audiência geral. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090107. Acessado em: 13 de junho de 2016.

²⁴⁸ O pensamento de Padoin aponta para os sacrifícios, no sentido “vivencial humano”, que são elevados ao Pai, por exemplo: o empenho amoroso do pai e da mãe que se dispõem aos filhos; da esposa e do esposo que se dedicam mutuamente; dos agentes de pastoral os quais trabalham em prol da comunidade e dos diversos voluntários que assistem aos carentes da sociedade. Cf. Ibidem. p. 246-249.

²⁴⁹ Ibid. p. 247.

²⁵⁰ AUGÉ, Matias. *Espiritualidade litúrgica*: “Oferecei vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus”. São Paulo: Ave-Maria, 2002. p. 78.

²⁵¹ Cf. PADOIN, Giacinto. *O pão que eu darei: o sacramento da Eucaristia*. Op. cit. p. 248-249.

²⁵² MALDONADO, Luis. *Ação litúrgica: sacramento e celebração*. São Paulo: Paulus, 1998. p. 152.

precisa cativar o povo celebrante para tal entrega, pois é possível que a pessoa na missa não encarne a ela e se torne um assistente do rito, empobrecendo a sua participação²⁵³.

Fazer uma verdadeira experiência litúrgica compromete, portanto. E de uma forma encorajadora Matias Augé diz que “a vida dos cristãos, modelando-se sob a existência de Jesus, torna-se também verdadeiro culto agradável ao Pai”²⁵⁴. Nesse sentido, lendo com atenção o texto de Paulo, é possível compreender o que significa caminhar para uma vida nova no seguimento de Cristo, ao qual todo batizado é chamado²⁵⁵. Essa vida nova, todavia, renovada com os traços de Jesus e tendo participação assídua e frutuosa na Eucaristia, faz dela uma oferta agradável; por isso, separar a celebração litúrgica da vida cotidiana empobrece a ambas²⁵⁶.

3.1. Os sacrifícios cotidianos da vida cristã

Ao trilhar os passos de Jesus o cristão faz de seu cotidiano uma experiência de sacrifício. Isso não quer dizer sofrimento despropositado ou valorização mórbida do sofrer. Ao contrário, a vida doada em prol de outros, mas com o olhar de Cristo, encontra sentido no sacrifício pessoal, tendo como horizonte a plena realização da páscoa. A motivação para o empenho sacrificial cotidiano, está em acompanhar Jesus pelos caminhos de uma vida doada. Nesse sentido, seguir o Mestre conecta o fiel com os necessitados, pois são estes em primeiro lugar “os rostos sofredores, indefesos e angustiados que Jesus nos propõe olhar e convida a concretamente a amar. Amor que se concretiza em ações e decisões. Amor que se manifesta nas diferentes tarefas que somos chamados, como cidadãos, a realizar”²⁵⁷.

Ao tratar da liturgia e o compromisso social, Dionísio Borobio liga estas duas dimensões à realidade da vida de Cristo que deve implicar e comprometer o cotidiano social do crente que, em sua vida concreta, deixa-se ser tomado por atitudes sacrificiais em prol dos homens, sobretudo aos mais pobres.²⁵⁸

Com outro enfoque em relação ao sacrifício pessoal, Michael J. Himes²⁵⁹ observa uma importante frase de Jesus que aparece várias vezes nos sinóticos: “aquele que quiser salvar a sua vida, a perderá; mas, o que perder sua vida por causa de mim e do Evangelho, a salvará”

²⁵³ Cf. Ibid. p. 151.

²⁵⁴ AUGÉ, Matias. *Espiritualidade litúrgica*. Op. cit. p. 38.

²⁵⁵ Cf. Rm 6, 4.

²⁵⁶ Cf. AUGÉ, Matias. *Espiritualidade litúrgica*. Op. cit. p. 46-48.

²⁵⁷ FRANCISO. Homilia na Santa Missa na Praça da Revolução, Havana, Cuba, em 20 de setembro de 2015. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150920_cuba-omelia-la-habana.pdf. Acessado em: 09 de janeiro de 2016.

²⁵⁸ Cf. BOROBIO, Dionísio. *Pastoral dos sacramentos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 310-325.

²⁵⁹ HIMES, Michael J. *Praticar a verdade no amor*: Conversas sobre Deus, relacionamentos e serviço ao próximo. São Paulo: Loyola, 2007. p. 112-114.

(Mt 10, 39; 16, 25; Mc 8, 35; Lc 9, 24; 17, 33). Com estes textos, o autor faz uma interessante comparação com o momento da glorificação de Jesus após a cruz. Sem dúvida que Cristo fez de si mesmo a doação perfeita por amor à humanidade. Ele se doa de modo completo a ponto de não deixar nada para ser doado. “Tudo está consumado”, disse Jesus em seu último momento na cruz (Jo 19, 30). Nesse sentido, Hilmes diz que a doação da vida – a ideia que está por traz da morte e da ressurreição de Jesus – é que leva o fiel a viver para sempre²⁶⁰. Por isso, insiste o autor: “a cruz simboliza o ato extremo da doação de si mesmo e é precisamente o principal objetivo da vida de Jesus”²⁶¹. Portanto, na visão de Hilmes, a cruz é a referência para o cristão no seguimento de Jesus, pois simboliza o desejo de todo fiel consciente em doar a sua vida à Cristo e ao próximo e, ao faz isso, sua vida jamais se acabará.²⁶²

Nesse sentido, o apóstolo dos gentios exorta os fieis ao sacrifício pessoal: tornar-se como “sacrifício vivo” (Rm 12, 1). Desse modo, estimulado pela cruz de Cristo celebrada no altar, o fiel se conduz ao mundo com um coração fecundo pronto para se doar, onde possa tornar realidade o sacrifício ao próximo no cotidiano como compromisso de vida²⁶³.

Se existe sentido no sacrifício de Cristo, este só é compreensível a partir do amor infinito pelo ser humano. A revelação desse amor contradiz a justificativa dos perseguidores em condenar Cristo à morte e demonstra ao mundo que “ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15, 13). Muito embora a pesquisa não tenha o amor como objeto, é possível compreendê-lo como alicerce para o sacrifício cristão em sua vida concreta, uma vez que “amar uma outra pessoa agapicamente é o mesmo que enxergar esta pessoa do mesmo modo que Deus a enxerga”²⁶⁴. No entanto, não basta aceitar ou acreditar na dimensão do amor, é preciso colocá-lo em prática. É preciso expandi-lo ao outro numa tentativa de experimentar o “amor como uma doação de nós mesmos”²⁶⁵. Nesse sentido, diz Michael J. Himes:

a única maneira de persuadir os outros a viver agapicamente é fazer com que passem a considerar o ágape uma realidade e não apenas um ideal belíssimo mas inatingível. Eles só serão capazes de enxergá-lo se nós lhe dermos forma. Para isso, devemos vivê-lo na prática para que seja uma possibilidade real para os outros.²⁶⁶

Tornar-se sacrifício agradável a Deus é condição integrante da fé cristã, pois, ao celebrar conscientemente o Mistério Pascal de Cristo, “o crente se compromete na vida com tudo

²⁶⁰ Ibid. p. 114.

²⁶¹ Ibid. p. 113.

²⁶² Cf. Ibid. p. 114.

²⁶³ Cf. RAHNER, Karl. *A Eucaristia e os homens de hoje*. Lisboa: Paulinas, 1968. p. 61-65.

²⁶⁴ HIMES, Michael J. *Praticar a verdade no amor*. Op. cit. p. 159.

²⁶⁵ Ibid. p. 199.

²⁶⁶ Ibid.

aquilo que celebra no culto”²⁶⁷. Por isso, é importante beber da fonte do altar e buscar estímulo para a vida fecunda no plano existencial. Portanto, o objetivo da liturgia não pode ser outro senão conduzir o celebrante à experiência do mistério, para que ele possa compreender o “autêntico culto” cristão que se volta para o bem dos outros (Cf. Rm 12, 1-2). E “quando entregamos nossa vida no serviço aos irmãos, nos tornamos um com Cristo na nossa vida”²⁶⁸.

3.2. A liturgia deve transformar a existência cristã

Se a liturgia prescindir de atingir a pessoa no seu íntimo, “ao nível da fé, da esperança e da caridade”, alerta Karl Rahner, os atos cultuais perdem o seu sentido e deixam de agradar a Deus²⁶⁹. Ademais, se na participação no ato sacrificial, no ato de apresentação de Cristo sacerdote representado objetivamente na missa, não houver o “espírito de oferecimento”, “não se dá formalmente nenhuma glória a Deus”²⁷⁰.

Para dizer que a realidade sacramental do sacrifício celebrado liturgicamente na missa teve êxito, é preciso perceber que tudo o que foi dinamicamente realizado foi capaz de fazer o homem praticar na vida cotidiana aquilo que verdadeiramente celebrou. Se não existir um elo entre o que se celebra e o compromisso existencial, todo o esforço litúrgico em dar sentido de culto à existência humana se perde quando o fiel sair pela porta da Igreja.

Pode-se dizer que o sacrifício eucarístico é o ponto culminante da vida sacrificada. No sacrifício na missa todo cristão recebe um “estímulo fecundo”, ou seja, na medida em que a liturgia sacrificial atinge o coração humano cumpre o seu papel como lugar de santificação em Cristo e glorificação de Deus²⁷¹. E ao retornar à vida diária, a missa se realiza na missa da vida cotidiana. Nesse sentido, portanto, a razão de se ter uma vida verdadeiramente cristã ganha propósito, pois a realidade existencial que está afinada à de Cristo no cotidiano, quando for levada ao altar para ser ofertada em Cristo e com Cristo, demonstrará o que de fecundo existe no “misterioso da vida interior”²⁷², isto é, vida cristã autêntica estimulada a partir do altar.

O fiel, ao sair do santuário sem vivenciar verdadeira e profundamente o caráter sacrificial da missa, corre o risco de sucumbir aos apelos da vida cotidiana. Isso quer dizer que pode deixar-se levar pela subjetividade do cotidiano, pode penetrar no terreno profano do “mundo

²⁶⁷ BOROBIO, Dionisio. *Pastoral dos sacramentos*. Op. cit. p. 322.

²⁶⁸ LUTZ, Gregório. *Celebrar em espírito e verdade*. 3. Ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 43.

²⁶⁹ RAHNER, Karl. *A Eucaristia e os homens de hoje*. Op. cit. p. 59.

²⁷⁰ Ibidem. p. 59.

²⁷¹ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. Op. cit. 2. 47.

²⁷² Ibid.

líquido moderno”²⁷³, que abstrai aquilo que de sólido e consistente há na celebração do sacrifício eucarístico.

Nesse sentido, pode-se questionar qual é o lugar do sacrifício na missa e todo o seu propósito de criar vida espiritual para a vida no mundo, diante de uma sociedade pós-moderna que tende a derreter os valores e as virtudes cristalizadas no sacrifício eucarístico. Que não seja inglória e fatal, desse modo, para a celebração da missa a luta contra a tensão recorrente entre a celebração do sacrifício eucarístico e a vida no mundo líquido.

²⁷³ Expressão cunhada por Zygmunt Bauman para denominar o panorama em que se vive na atualidade, que já foi descrita como pós-modernidade. O autor identifica estes tempos como líquidos, pois se dissolveu o que era sólida cultura, nas relações, na economia e etc. Bauman faz um estudo da sociedade, defendendo que nada é feito para durar; no mundo moderno líquido nada em suas dimensões é capaz de manter-se por muito tempo. Duas obras de Bauman, que se complementam, podem ajudar a compreender um pouco o conceito de mundo líquido: 1) BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.; 2) *Vida líquida*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CONCLUSÃO

Pelo caminho percorrido durante a pesquisa foi possível perceber os contornos que dão forma ao sacrifício eucarístico celebrado na missa. Perscrutar a literatura teológica possibilitou enxergar com mais nitidez a relação vital existente entre o altar e a cruz.

O Magistério, os Padres da Igreja e a teologia contemporânea definem a Eucaristia como um verdadeiro e próprio sacrifício; porém, mesmo dócil às afirmações que conduzem ao sacramento do “corpo entregue” e do “sangue derramado”, que ocorre nos altares das comunidades no mundo, tentou-se neste trabalho olhar mais detalhadamente o sacrifício eucarístico a fim de compreender melhor a sua natureza. Nesse esforço foi possível conferir a existência de uma confluência de três realidades que, por sua vez, têm o centro em Cristo.

Primeiro, no sentido de chegar ao sacrifício de Cristo no calvário, era necessário um encontro com a linguagem e com o ritual veterotestamentário. Isso porque o contexto sacrificial de Jesus e do Novo Testamento se aliava ao que era praticado no templo de Israel, porém com Cristo o sentido de sacrifício ganhou destaque e plenificou o único e irrepetível evento na cruz de Cristo, que levou todos os outros sacrifícios a serem superados. A segunda realidade é o Cenáculo, em que na ceia profética Jesus antecipa a Cruz para dar um formato sacramental à celebração do sacrifício.

Por fim, Jesus desejou ardentemente aquilo e chamou a Igreja a fazer memória do que realizou junto aos seus discípulos. Toda a Igreja, portanto, ao fazer memória dos gestos e das palavras do Mestre, colhe os efeitos que só a presença substancial de Cristo na celebração nos altares de hoje é capaz de realizar.

É Cristo que dá sentido à relação entre a cruz e o altar, uma vez que é Ele mesmo que se faz presente no memorial celebrado. Ele mesmo é o sacrifício perfeito. Ele mesmo é a única vítima do sacrifício. O altar se relaciona vitalmente ao Cenáculo, que é a antecipação sacramental da cruz, a qual, por sua vez, é a realidade mais perfeita dos sacrifícios no templo. Mesmo estes tendo cumprido seu papel na história da salvação, não atingiram o objetivo de salvar o homem pecador, por não serem perfeitos. Mas, ao se entregar à cruz, Cristo possibilitou ao homem a comunhão definitiva com o Pai, pois o seu sacrifício foi perfeito.

Existia, ainda, um desafio na pesquisa: como entender as realidades do sacrifício de Cristo envoltas na celebração eucarística e tê-las como positivas e objetivas na vida cristã? Quando se estuda o sacrifício de Cristo nas três realidades entrelaçadas teologicamente, tenta-se dar sentido ao que se celebra nas missas – o centro do mistério pascal de Cristo que se torna presente toda vez que se celebra como memorial do cenáculo e da cruz – e o que de mais santo e agradável a Deus é possível realizar, não só com o sacrifício de Cristo, mas também

com os próprios celebrantes que estão ali diante do altar a entregar muito do que de melhor realizam em suas vidas.

Faz-se necessário, por isso, que se provoque a assembleia com a pastoral litúrgica, atuante e vibrante, para estimular aquele que celebra a encontrar-se com o calvário e com o túmulo vazio e tornar essas realidades vivas em sua existência no mundo, para que o mistério celebrado tenha sentido e faça da vida cristã um agradável sacrifício em prol do irmão, das famílias e de toda a sociedade, completando assim o mistério da cruz do senhor²⁷⁴.

Nesse sentido, é importante resgatar a dimensão do sacrifício da Eucaristia. Deve-se minimizar o estigma negativo de crueldade e sofrimento que ainda existe e elevá-lo como a opção fundamental de vida cristã, um agradável e santo sacrifício a Deus, dado que é o sacrifício no altar que abre um horizonte de vida pintado pelo exemplo de Cristo em seu sacrifício, para que a oferta do fiel na missa seja o que de melhor realizou em seu ambiente cotidiano.

²⁷⁴ Cf. Cl 1, 24.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDAZÁBAL, José. *Gestos e símbolos*. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. *A Eucaristia*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- AUGÉ, Matias. *Espiritualidade litúrgica*: “Oferecei vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus”. São Paulo: Ave-Maria, 2002.
- _____. *Liturgia*: História, celebração, teologia, espiritualidade. 4 ed. São Paulo: Ave-Maria, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- _____. *Vida líquida*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BENTO XVI. *Sacramentum caritatis*. Exortação apostólica pós-sinodal sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2007.
- _____. Audiência geral. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090107. Acessado em: 13 de junho de 2016.
- BERGER, Klaus. *Para que Jesus morreu na cruz?*. São Paulo: Loyola, 2005.
- BOROBIO, Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja I*: liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990.
- _____. *Celebrar para viver*: liturgia e sacramentos da Igreja. São Paulo: Loyola, 2009.
- _____. *Pastoral dos sacramentos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BUYST, Ione. *O segredo dos ritos*: Ritualidade e sacramentalidade da liturgia. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BRIGHENTI, Angenor. *A pastoral dá o que pensar*: manual básico de teologia pastoral. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CASEL, Dom Odo, osb. *O mistério do culto no cristianismo*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- COMENTÁRIO BÍBLICO MUNDO HISPANO. Levítico, Números y Deuterônomo. Tomo 3. Texas: Mundo hispano, 2004.
- CONCÍLIO DE TRENTO (DS 1751). DENZINGER, Heinrich. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral/Heinrich Denzinger. São Paulo: Loyola, 2007.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.
- _____. Constituição dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Instrução *Redemptionis Sacramentum* sobre alguns aspectos que se deve observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia. 2004. São Paulo: Paulinas, 2005.

- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.
- COSTA, Valeriano Santos. *Celebrar a eucaristia: tempo de restaurar a vida*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- _____. *Vida cristã: A existência no amor*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- _____. *Noções teologias de liturgia*. São Paulo: Ave-Maria, 2012.
- _____. Sacerdócio real: promessa e profecia. In: *Estudos teológicos*. São Leopoldo, v. 54, n. 2, p. 284-297, jul/dez. 2014. Disponível em: http://www.periodicos.Est.edu.br/indez.indez.php/estudos_teologicos/article/view/1132/2251. Acessado em: 9 fev. 2016.
- DI SANTI, Carmine. *Israel em oração: as origens da liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- DURRWELL, François-Xavier. *A morte do Filho: o mistério de Jesus e do homem*. São Paulo: Loyola, 2009.
- FABER, Eva-Maria. *Doutrina católica dos sacramentos*. São Paulo: Loyola, 2008.
- FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. São Paulo: Academia cristã/ Paulus, 2012.
- FRANCISO. Homilia na Santa Missa na Praça da Revolução, Havana, Cuba, em 20 de setembro de 2015. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150920_cuba-omelia-la-habana.pdf. Acessado em: 09 de janeiro de 2016.
- GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. *Admiração eucarística: para uma mistagogia da missa à luz da encíclica Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Loyola, 2008.
- GIRARD, René. *O sacrifício*. São Paulo: É Realizações Editora, 2011.
- GODOY, Edvilson de. *O sacrifício de Cristo: Abordagem a partir de René Girard e Raymund Schwager*. São Paulo: Palavra&Preces, 2012.
- GROTTANELLI, Cristiano. *O sacrifício*. São Paulo: Paulus, 2008.
- HIMES, Michael J. *Praticar a verdade no amor: Conversas sobre Deus, relacionamentos e serviço ao próximo*. São Paulo: Loyola, 2007.
- INÁCIO AOS EFÉSIOS. In: *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995.
- INSTRUÇÃO GERAL SOBRE O MISSAL ROMANO. Comentário de J. Aldazábal. 5 ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*. Carta Encíclica. São Paulo: Paulinas, 2003.
- _____. *Mane Nobiscum Domine*. Carta apostólica. São Paulo: Paulinas, 2005.

- _____. *Dies domini*. Carta apostólica. 6 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- JONES, Alan. *Sacrifício e alegria*: Espiritualidade para o ministro religioso. São Paulo: Paulus, 1995.
- JUNGSMANN, J.A. *Missarum sollemnia*: origens, liturgia, história e teologia da missa romana. 5.ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologia: diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística).
- KAUFMANN, Y. *A religião de Israel*. São Paulo: Edusp, 1989.
- LEBON, Jean. *Para viver a liturgia*. São Paulo: Loyola, 1993.
- LOPÉZ MARTÍN, Julián. *A liturgia da Igreja*: teologia, história, espiritualidade e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006.
- LUTZ, Gregório. *Celebrar em espírito e verdade*. 3. Ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- MACKENZIE, J.L. In: *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.
- MALDONADO, Luis. *Ação litúrgica: sacramento e celebração*. São Paulo: Paulus, 1998.
- MATEOS, Manuel Díaz. *O sacramento do pão*. São Paulo: Loyola, 2004.
- MIRANDA, Mario de França. *A salvação de Jesus Cristo*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- MISSAL ROMANO. 2ª edição típica. São Paulo: Paulus, 1992.
- NADEAU, Marie-Thérèse. *Eucaristia: memória e presença do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- NOVO COMENTÁRIO BÍBLICO SÃO JERÔNIMO: Antigo Testamento. São Paulo: Academia cristã/ Paulus, 2007.
- PADOIN, Giacinto. *O pão que eu darei*: o sacramento da Eucaristia. São Paulo: Paulinas, 1999.
- PAULO VI. *Mysterium Fidei. Carta Encíclica sobre o culto da Sagrada Eucaristia*. 1965. São Paulo: Paulinas, 2005.
- PIO XII. *Mediator Dei*. Carta Encíclica sobre a Sagrada Liturgia. 61. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20111947_Mediatoror-dei.html. Acessado em: 22 nov. 2015.
- RODRÍGUEZ, Pedro Fernández, OP. *A las fuentes de La sacramentología Cristiana: la humanidad de Cristo en La Iglesia*. Salamanca: San Esteban, 2004.
- RAHNER, Karl. *A Eucaristia e os homens de hoje*. Lisboa: Paulinas, 1968.
- RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. 5.ed. Prior Velho: Paulinas, 2012.
- _____. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição*. Cascais: Principia, 2011.
- R. DE VAUX. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2002.

SANTO AGOSTINHO. Sermão 229, 1. Disponível em: http://www.augustinus.it/latino/discorsi/discorso_302_testo.htm. Acessado em: 9 jan. 2016.

S. MARSILI. Et al. *A Eucaristia: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1986.

SÍNODO DOS BISPOS. XI Assembleia Geral Ordinária. *A Eucaristia: fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. Instrumentum laboris*, São Paulo: Paulinas, 2005.

TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos sobre a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. *Nas fontes da vida cristã: uma teologia do batismo-crisma*. São Paulo: Loyola, 2001.

THANNER, Natanael, ocr. O único sacrifício perfeito: sua essência e sua prefiguração. In: *Sapientia crucis: revista filosófico-teológica do Institutum Sapientiae*. Anápolis, n.4, 2003.

_____. O porquê da Cruz (II). In: *Sapientia crucis – Revista filosófico-teológica do Institutum Sapientiae*. Anápolis, n.2, 2001.

_____. O significado da Oração eucarística: a Eucaristia em sua dimensão sacrificial. *Sapientia crucis – Revista filosófico-teológica do Institutum Sapientiae*, Anápolis, n. 7, 2006.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002.

VAGAGGINI, Cipriano, OSB Cam. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009.

WILLI-PLEIN, Ina. *Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2001.